

ISSN 1980315-X



**Impresso
Especial**

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

...CORREIOS...

ADverso

Nº 156 - Abril/2008



Novo Movimento Docente se consolida em Porto Alegre

Adufrgs suspende
repasso de mensalidade à
Andes e propõe consulta
eletrônica para fundação
de sindicato local.

Participe

VERDEPERTO

Coral da Adufrgs

Ensaios todas as quartas-feiras
na sede da Adufrgs, às 18h30.

Maiores informações

Rua Otávio Corrêa, 45 - Porto Alegre - RS

Tel.: (51) 3228-1188

www.adufrgs.org.br

ADufrgs 30
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS
ANOS

ADufrgs 30
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS
ANOS

Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Diretoria

Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1º secretário: Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira
2º secretário: Maria Luíza A. Von Holleben
1º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
2º tesoureira: Maria da Graça Saraiva Marques
1º suplente: Mauro Silveira de Castro
2º suplente: José Carlos Freitas Lemos

ADverso

Publicação mensal impressa em
papel *Reciclato* 75 gramas

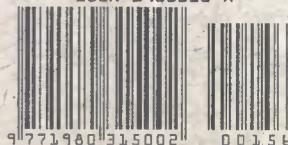
Tiragem: 4.500 exemplares

Impressão: Comunicação Impressa

Produção e edição: Editora Verdeperito Ltda.

Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)

ISSN 1980315-X



9 771980 315002 00156

Reportagem: Maricélia Pinheiro,
Clarissa Pont e Zaira Machado (7812)
Fotos: Clarissa Pont (13302)
Ilustrações: Mário Guerreiro
Capa: Mário Guerreiro
Projeto Gráfico: Marcos Guimarães
Assistente de Arte: Tomaz Pivetta

ADUFRGS 30 anos de história

No dia 17 de junho nossa Associação completa 30 anos de existência, e esta data é para ser comemorada com alegria e com festa. Não é possível compararmos as duas épocas sem que tenhamos consciência das grandes transformações que o País sofreu nestas três décadas.

Em 1978, vivia-se uma era de incertezas. Vigorava a Lei de Segurança Nacional, tínhamos o bipartidarismo e a anistia era apenas uma esperança. Haviam passado apenas dois anos das últimas ações de repressão aos grupos clandestinos e ainda se passariam três para que o Brasil descobrisse, com o atentado do Riocentro, que a democracia teria um curso duro a percorrer até sua consolidação. O Rio Grande do Sul naquele ano elegeu um senador de oposição, Pedro Simon, mas os porto-alegrenses só votaram para governador em 1982 e para prefeito em 1985, oito anos após a fundação da Adufrgs! Para presidente só votamos em 1989, 11 anos após a fundação da Adufrgs!!!

Só os que viveram aquele período, podem ter a noção do que significou para o Movimento Sindical gaúcho aquele ato corajoso de jovens ousados, que arriscando sua liberdade, sua vida, fundaram a entidade.

A Adufrgs nasceu pequena, mas atrevida. Em 1979, editou o principal documento sobre a ditadura na Ufrgs, "Os Expurgos na UFRGS", obra que será relançada neste festival de comemoração dos 30 anos de fundação. A Adufrgs teve papel marcante no Movimento Docente Nacional, tendo participado da articulação que levou à criação da Andes, da velha Andes, em 1981, aquela entidade que era referência para o ensino superior do País. A Adufrgs estava lá na greve de 1980, a primeira da Universidade Pública Brasileira onde os professores lutavam por estabilidade, por concursos e por melhores salários. Era o período em que se iniciava a hiperinflação. A Adufrgs estava lá na luta e na negociação pela "nova" Carreira em 1987, onde foi criado o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE). A Adufrgs estava lá em 1991, na conquista do Regime Jurídico Único (RJU), nos ganhos judiciais da década de 90. A Adufrgs estava em 2003, na negociação pela expansão da carreira, necessária pelo novo perfil do corpo docente da universidade pública. Foi quando se criou o nível de professor associado. Desde então tem negociado, proposto, defendido e conquistado direitos aos aposentados, que hoje não só estão mantidos na mesma folha de pagamento do MEC, como alcançaram, em negociação recente, a paridade e a garantia de tratamento isonômico com os ativos.

Esses 30 anos de vida da Adufrgs foram marcantes para os professores da Ufrgs e a entidade assistiu à enorme transformação da Universidade brasileira. Hoje temos uma grande Universidade, com mais de dois mil professores, a imensa maioria altamente titulada, qualificada e produtiva. E a Adufrgs cresceu junto com seus associados e é um espelho de sua qualificação e de sua pujança. Congrega em seu quadro de associados mais de 85% desses professores, algo raro no movimento sindical, e não pára de crescer, com mais de 50 filiações nos últimos meses.

A Adufrgs cresce porque está viva e sabendo acompanhar o pensamento de seus representados. Novas formas de relação foram criadas, como a Consulta Eletrônica, inaugurada em 2005. E está sempre a olhar para o futuro. Por isto se filiou ao Proifes, nascido em 2004, e auxilia em sua consolidação. A Adufrgs hoje é indispensável ao Movimento Docente brasileiro e estava lá na conquista do fim da Gratificação de Estimulo à Docência (GED), da incorporação da Gratificação de Atividade Executiva e da equiparação entre as Carreiras de Ensino Básico e Ensino Superior.

É por isso que precisamos defender e fortalecer esta entidade, lhe dar um verdadeiro caráter sindical. A Adufrgs tem que estar presente na renovação do Movimento Docente porque ela faz parte deste processo.

Parabéns Adufrgs! Muitos anos de vida, de prosperidade e de força, para continuar defendendo os professores da Ufrgs em todo o Século 21!

Diretoria da Adufrgs

ÍNDICE

- 04** SEGURIDADE SOCIAL
- 05** NOTÍCIAS
Governo assina MP que garante reajuste a professores
- 06** ENTREVISTA
"A fotografia democratizou a possibilidade de uma representação social imortalizada"
Boris Kossoy
- 10** VIDA NO CAMPUS
- 12** NOTÍCIAS
Cresce o número de índios assassinados no Brasil
- 13** CENTRAL
Novo Movimento Docente
Adufrgs suspende repasse de verbas à Andes. Com o apoio de várias ADs e professores de universidades federais de todo o País, Proifes pode virar federação.
- 17** REPORTAGEM
Guinada à esquerda
Para a população que comemorou nas ruas, a eleição deste ano teve gosto de final de ditadura.
- 20** PRESTAÇÃO DE CONTAS
- 21** OBSERVATÓRIO
- 22** NAVEGUE
- 23** ORELHA
- 24** HIPERMÍDIA
Centenário do Instituto de Artes da Ufrgs
Certificado de solidez através dos anos
- 26** +1
- 27** A HISTÓRIA DE QUEM FAZ

1º ENCONTRO DE APOSENTADOS DA ADUFRGS

Professores se reúnem para debates e confraternização

No ano em que a Adufrgs completa 30 anos de fundação, professores aposentados se reuniram no dia 29 de abril para confraternizar e debater questões de seu interesse. Este foi apenas o primeiro de muitos encontros que a Adufrgs pretende promover nos próximos anos.



Mancélia Pinheiro

Ao longo de todo o dia, cerca de 40 professores aposentados, diretores da Adufrgs e convidados especiais participaram de palestras e outras atividades no Sesc Campestre. Pela manhã, o assessor jurídico da Adufrgs, Francis Bordas, falou sobre "Cenário Atual e Perspectivas do Sistema Previdenciário Brasileiro", repassou algumas informações importantes não apenas para os já aposentados, mas também para os que estão prestes a se aposentar, e esclareceu dúvidas.

O tema "A atuação da Adufrgs em Defesa dos Aposentados" encerrou a manhã, quando o presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim de Oliveira, detalhou as últimas negociações salariais, especialmente no que diz respeito aos pontos de maior interesse dos aposentados. Ele destacou como um dos maiores ganhos a equiparação da Gratificação de Estímulo à Docência (GED) entre ativos e aposentados, além do fim de seu caráter produtivista original.

Ao meio-dia, a confraternização foi no restaurante do Hotel, seguida da exibição de um filme. Por causa da chuva fina que caiu durante quase todo o dia do encontro, a caminhada prevista

para depois do almoço acabou sendo cancelada. À tarde foram proferidas duas palestras: na primeira, a professora Beatriz Tenius tratou da "Longevidade Útil" e na segunda, a professora Odair Perugini de Castro, falou sobre "O envelhecimento: tempo e espaço de envelhecer".

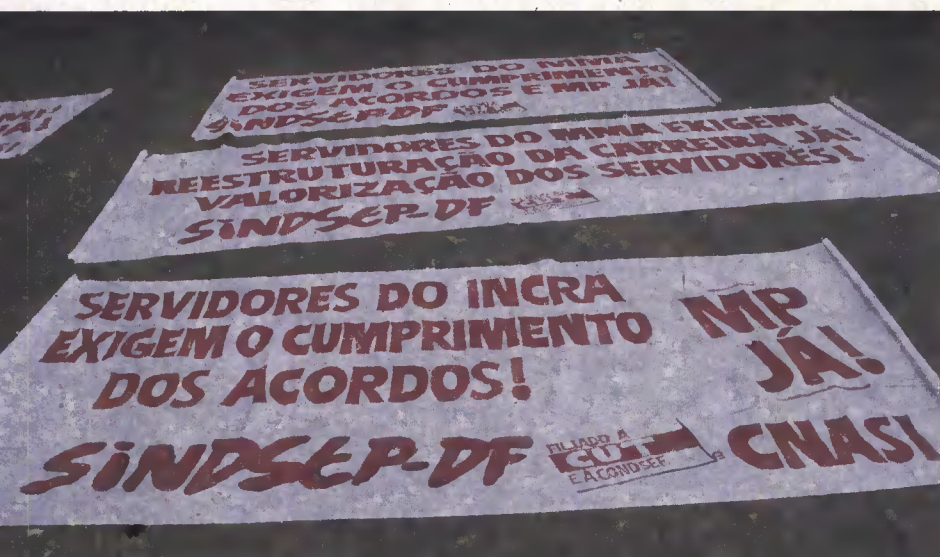
Beatriz Tenius é farmacêutica, doutora em química orgânica, professora aposentada da Ufrgs e atualmente trabalha como voluntária da Associação Internacional da Programação Existencial (Apex), instituição sem fins lucrativos que tem como finalidade a pesquisa e a educação sobre o propósito existencial e a evolução pessoal e grupal, a partir do paradigma consciencial. (www.apexinternacional.org).

Odair Perugini de Castro é psicóloga, gerontóloga e também professora aposentada do Instituto de Psicologia da Ufrgs. Atualmente coordena a Universidade para Terceira Idade (Uniti), ligada ao Departamento de Psicologia Social e Institucional, que ela define como "um projeto de educação permanente, não-formal, sem professores e sem currículo. (www.ufrgs.br/uniti).

CAMPANHA SALARIAL

Governo assina MP que garante reajuste a professores

Assinada no dia 14 de maio a Medida Provisória que assegura reajuste salarial a várias categorias dos Servidores Públicos Federais (SPFs), entre elas a dos técnico-administrativos e dos docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes).



Daniela Fialho

Várias faixas com mensagens de protesto foram colocadas no chão, na frente do prédio do MPOG, em Brasília, depois de uma caminhada pelas ruas da capital federal.

Nos últimos dias, o governo vinha sendo pressionado de todos os lados para efetivar os acordos firmados com os servidores meses atrás. No dia 7 de maio, cerca de mil servidores públicos federais de todo o País participaram de um grande ato público em frente ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG). Eles receberam apoio da CUT Nacional e de um grupo de parlamentares que cobraram do ministro Paulo Bernardo o encaminhamento urgente da MP ao Congresso Nacional. A cena se repetiu na manhã de 14 de maio, quando aproximadamente 1,5 mil servidores, entre eles dezenas de professores liderados pelo Proifes, estiveram em Brasília para pressionar o governo. Com a assinatura da MP encerra-se efetivamente o processo de negociação que envolveu 17 categorias e mais de 800 mil servidores. O Proifes está analisando agora todos os detalhes relativos aos acordos feitos de forma a garantir que o que foi pactuado seja cumprido na íntegra e à risca.

De acordo com o Secretário de Recursos Humanos do MPOG, Duvanier Paiva Ferreira, as remunerações de maio (a receber no início de junho) serão pagas já de acordo com os novos valores, junto com as diferenças correspondentes aos retroativos de março e abril. No entanto, em contato com a pró-reitora de Recursos Humanos da Ufrgs, Jurema Geruza, no dia 15 de maio, a diretoria da Adufrgs foi informada de que ainda não havia garantia de inclusão do reajuste e dos atrasados aos professores do Ensino Superior no próximo pagamento, mas que a ProRH buscava todas as informações junto à Secretaria de Recursos Humanos (SRH/MPOG) para agilizar este processo.

Segundo informações do ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, serão contemplados com a MP os professores das Ifes e das Escolas Federais dos ensinos Básico, Técnico e Tecnológico (incluindo os dos ex-territórios da União e colégios militares) e técnico-administrativos em Educação.

HOMENAGEM

O primeiro à esquerda da sala

Homenageado no dia 22 de abril, Cláudio Scherer, professor aposentado do Instituto de Física da Ufrgs, ganha espaço na galeria dos ex-diretores. Militante do Movimento Docente há mais de 30 anos e partidário da esquerda política, coube à sua foto, por coincidência, o primeiro lugar na parede à esquerda de quem entra na sala.

Doutor em Ciências pela Ufrgs, Cláudio Scherer leciona na Universidade desde 1965, tendo se aposentado em 2005 e optado por continuar a dar aulas como colaborador voluntário. Foi diretor do Instituto de Física de 2000 a 2004 e pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação de 1992 a 1996. Tem 43 artigos publicados em revistas de circulação internacional e assina o livro didático "Métodos Computacionais da Física", Editora Livraria da Física da USP, 2005. Atualmente se dedica à pesquisa na área de fluídos magnéticos, com ênfase nos aspectos dinâmicos.

No Movimento Docente, onde atua desde a década de 70, foi um dos fundadores da Adufrgs, sendo presidente na gestão 1985/1987 e desde 2005 ocupa o cargo de primeiro vice-presidente da entidade. Considerado pela maioria dos colegas parte da história do Instituto de Física, foi ainda membro-fundador do Coral da Ufrgs. "O professor Scherer viveu na íntegra essa Universidade", lembrou o reitor José Carlos Ferraz Hennemann na ocasião da homenagem. Estiveram presentes ex-diretores do Instituto de Física e diretores da Adufrgs.



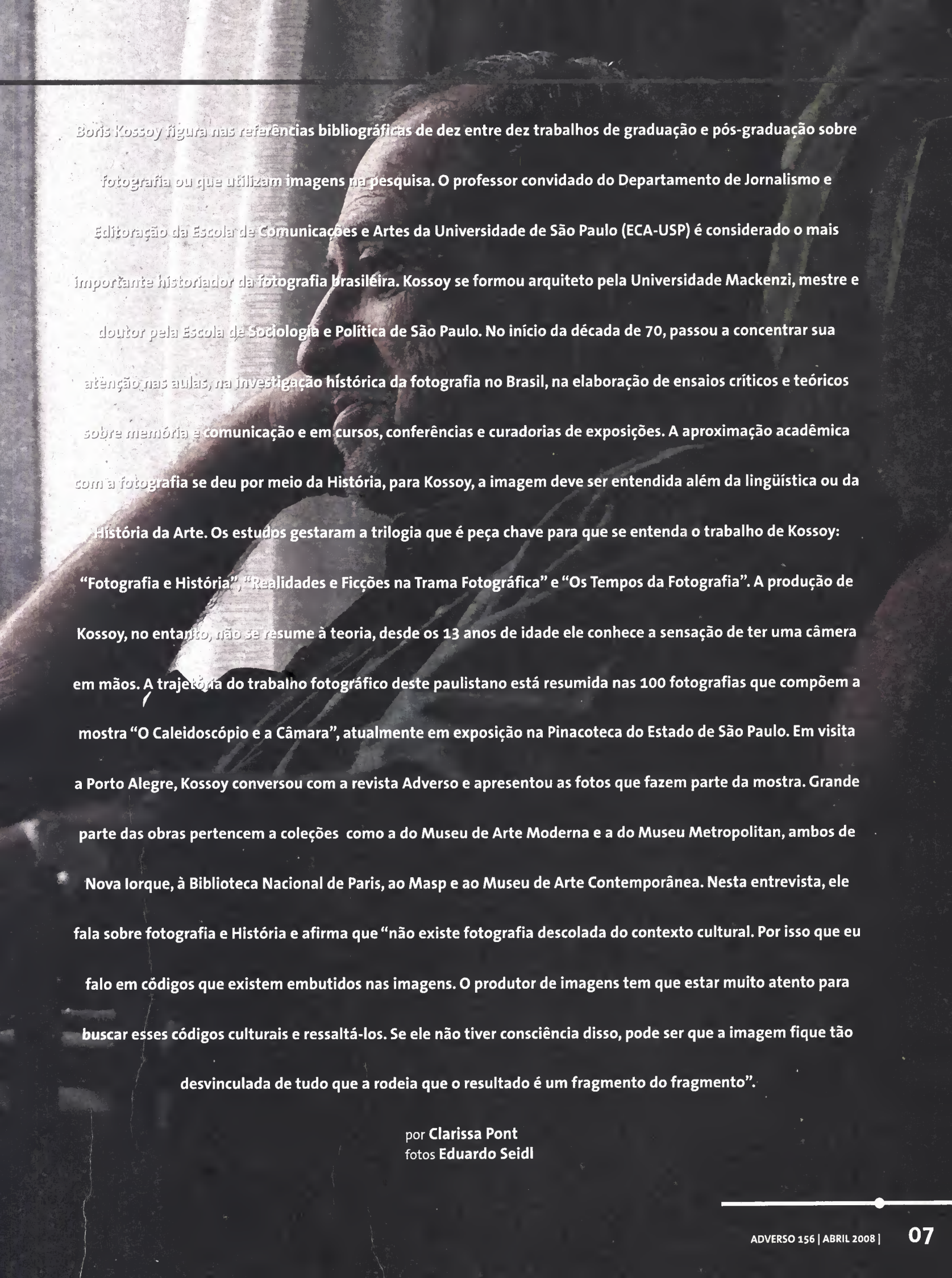
Marcelle Pinheiro

Cláudio Scherer, acompanhado da esposa Elza Scherer, do reitor José Carlos Hennemann e do atual diretor do Instituto de Física, João Edgar Schmidt.



BORIS KOSSOY

“A fotografia democratizou a possibilidade de uma representação social” imortalizada



Boris Kossoy figura nas referências bibliográficas de dez entre dez trabalhos de graduação e pós-graduação sobre fotografia ou que utilizam imagens na pesquisa. O professor convidado do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) é considerado o mais importante historiador da fotografia brasileira. Kossoy se formou arquiteto pela Universidade Mackenzi, mestre e doutor pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. No início da década de 70, passou a concentrar sua atenção nas aulas, na investigação histórica da fotografia no Brasil, na elaboração de ensaios críticos e teóricos sobre memória e comunicação e em cursos, conferências e curadorias de exposições. A aproximação acadêmica com a fotografia se deu por meio da História, para Kossoy, a imagem deve ser entendida além da lingüística ou da História da Arte. Os estudos gestaram a trilogia que é peça chave para que se entenda o trabalho de Kossoy: “Fotografia e História”, “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica” e “Os Tempos da Fotografia”. A produção de Kossoy, no entanto, não se resume à teoria, desde os 13 anos de idade ele conhece a sensação de ter uma câmera em mãos. A trajetória do trabalho fotográfico deste paulistano está resumida nas 100 fotografias que compõem a mostra “O Caleidoscópio e a Câmara”, atualmente em exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em visita a Porto Alegre, Kossoy conversou com a revista Adverso e apresentou as fotos que fazem parte da mostra. Grande parte das obras pertencem a coleções como a do Museu de Arte Moderna e a do Museu Metropolitan, ambos de Nova Iorque, à Biblioteca Nacional de Paris, ao Masp e ao Museu de Arte Contemporânea. Nesta entrevista, ele fala sobre fotografia e História e afirma que “não existe fotografia descolada do contexto cultural. Por isso que eu falo em códigos que existem embutidos nas imagens. O produtor de imagens tem que estar muito atento para buscar esses códigos culturais e ressaltá-los. Se ele não tiver consciência disso, pode ser que a imagem fique tão desvinculada de tudo que a rodeia que o resultado é um fragmento do fragmento”.

por Clarissa Pont
fotos Eduardo Seidl



Adverso – Quería que o senhor começasse apresentando o Kossoy fotógrafo, já que a obra teórica é a parte mais conhecida do seu trabalho...

Boris Kossoy – Essa apresentação de fotos é diametralmente oposta a uma apresentação acadêmica, à pesquisa científica, ao trabalho histórico e teórico de reflexão. Sou eu fotógrafo, que nunca deixei de ser. Enquanto produtor de imagens, desde muito cedo a minha obra fotográfica foi o sustentáculo da minha reflexão teórica. E não o contrário. Não sou aquele observador de fora que faz uma reflexão da fotografia a partir de uma série de conhecimentos teóricos sobre a imagem. Eu sempre estive dos dois lados. Sem demérito de qualquer outro tipo de interpretação, penso que isso favoreceu muito a compreensão do processo de produção das imagens. Eu comecei a fotografar muito cedo, mais ou menos em 1955. Existem duas fotografias que fiz aos 15 anos de idade que são os dois caminhos que eu iria perseguir pelo resto da vida e eu só percebi isso depois de ter recuperado essas fotografias há dois anos. Eu nem lembrava mais delas e por sorte encontrei-as inteiras, elas mostram os dois caminhos: realidade e ficção. O primeiro caminho é o do registro cotidiano, a foto é uma vista da Avenida São João, tomada em contra luz. Eu gosto desta foto, claro que tecnicamente está cheia de defeitos, mas o olhar me surpreendeu. O outro caminho é o da ficção, que é a fotografia onde eu busco documentar, entre aspas, a passagem de um disco voador. Só depois eu percebi que, ao longo da minha trajetória, meu discurso teórico foi sempre em cima dessas duas questões, como fotógrafo também. Mostrar essas imagens é muito importante porque é uma prévia do que vai estar na exposição "O Caleidoscópio e a Câmera". Muita gente se surpreende porque não conhece o Boris Kossoy fotógrafo, estão mais ligadas ao professor, ao historiador.

Adverso – A seleção das imagens para a exposição é sua?

Boris Kossoy – Sim. Essas fotos não são a seleção definitiva do que vai estar em exposição, mas pelo menos em termo de fases são quase uma cronologia dos principais itens que trabalhei em cada fase. Primeiro o fantástico, aí a fotografia fica mais próxima do jornalismo em fotos que fiz nos Estados Unidos, depois uma fase mais escura e reflexiva na Europa. Cada fase reflete também um estado de espírito e motivações pessoais. A seleção vai até os anos dois mil.

Adverso – Com qual equipamento o senhor começou a fotografar?

Boris Kossoy – Uma câmera que nem tem nome, e se tinha já estava apagado. Era uma câmera de fole, daquelas que abriam inteiras. Depois de passar por câmeras muito primitivas, quando tinha por volta de 20 anos e comecei a fotografar mesmo, eu trabalhava com uma Pentax. Uma Asahi Pentax e Honeywell Pentax com todas as lentes. Trabalhei com a Bronica que cada foto era um tiro de metralhadora. Trabalhei com Linof. Eu adorava uma Canon AE-1 que eu tenho até hoje, essa câmera já tinha um pouco de programação, mas era das mecânicas ainda. E, naturalmente, uma Leica e uma Hasselblad. Hoje eu fico perguntando para os colegas qual câmera digital eu deveria comprar, completamente perdido.

Adverso – O senhor costuma dizer que sua fotografia é bastante influenciada pela literatura. O Sebastião Salgado afirmou certa vez que ele só é um bom fotógrafo porque é economista. E a arquitetura, de que forma ela conversa com o seu trabalho?

Boris Kossoy – A arquitetura conversa diretamente com o meu trabalho. O modo de construção do retângulo eterno, que é o retângulo fotográfico onde essas imagens vão repousar perenemente, é estudado inconscientemente em busca da composição. A arquitetura é um modo de ver a realidade, de construir sobre o nada uma coisa que tenha volume, espaço e funções. Na fotografia você não tem essa volumetria, mas você tem uma construção espacial que requer observação, requer todo um aprendizado, uma geometria que vai influir e determinar o resultado final. Tem que haver uma harmonia entre a mensagem e a forma como ela é representada. A arquitetura faz parte do DNA das minhas fotos. Forma e conteúdo nascem juntos, não tem como dizer quanto tempo eu fiquei pensando nessas coisas pra fazer uma foto, elas nascem juntas.

Adverso – O senhor é atualmente professor convidado do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). O curso da USP é considerado um dos melhores do País, quais referências devem ser seguidas para ensinar fotografia?

Boris Kossoy – Acho que temos que ampliar a questão do fotojornalismo para a fotografia como um todo. E qualquer que seja a atividade fotográfica, eu não consigo imaginar fotografia sem um componente cultural muito forte. Seja fotojornalismo, publicidade, documentação. Para mim, fotografia e cultura se equivalem, não existe fotografia descolada do contexto cultural.

Não sei se a ECA é a referência, eu acho que esta referência deve ser buscada por todas as escolas e por todas as pessoas envolvidas com fotografia. Fotografia e cultura, fotografia e ênfase na informação, fotografia e multidisciplinaridade. A fotografia não é apenas produção, é produção e recepção. Essas buscas deveriam fazer parte de qualquer curso de fotografia. No meu caso, na graduação, tenho uma disciplina que tem o título de História Estética da Fotografia, para o pessoal do fotojornalismo. Nós chegamos no fotojornalismo só no fim do curso. Começamos antes da invenção da fotografia, passamos por toda evolução histórica, técnica e social, pelos diferentes movimentos estéticos, pela fotografia vinculada à ciência, pela fotografia que busca caminhos alternativos na arte. Na pós-graduação, tenho alunos na área de História, alunos de Antropologia, de Ciências Sociais, de Jornalismo. Porque a imagem permeia todas as áreas do conhecimento e aí que está o desafio. A minha trilogia teórica procura abordar e trazer estes parâmetros para a compreensão das imagens.

Fala-se também em modelos de análise, porque na fotografia existem influências européias. Há reflexões e reflexões. As nossas nasceram em função da nossa problemática e de um vazio de reflexões nessa área em termos de América Latina. Depois, é como um filho, as idéias criam autonomia, esses livros e trabalhos estão sendo traduzidos para outros idiomas. O importante é que não existe uma geografia do pensamento científico, ele pode acontecer em todos os lugares. Mas são sempre lutas pioneiras, e eu não posso me queixar. Meus livros têm um público leitor muito fiel na Academia de uma forma geral, dentro e fora do Brasil. Eu gosto muito de desmistificações, de desmontagens de processos que se fazem misteriosos para que sejam intransponíveis. Eu gosto de fraturar essas idéias para que as pessoas possam ter acesso. Que não sejam escudos de vidro de falação para que não se entenda nada e as pessoas fiquem até sem jeito de dizerem que não compreenderam. Que semiologia, semiótica ou lingüística é essa



que vai se buscar para compreender as imagens? Que empréstimos forçados da palavra escrita serão buscados e colocados em uma camisa-de-força para se pensar a imagem? De jeito nenhum. A imagem possui uma estética própria que deve ser compreendida na sua interioridade. Esse é o desafio.

Adverso – O “Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)”, publicado pelo Instituto Moreira Salles, tem servido como base de estudos para museus e coleções em todo o País. Quem eram esses retratistas que carregaram daguerreótipos¹ Brasil afora fotografando?

Boris Kossoy – Agora estamos entrando na área da pesquisa histórica, mas ela também nasce de uma preocupação de ordem cultural. A primeira informação era de que poucos fotógrafos atuavam no Brasil nesta época, uma visão da História que ainda existe e é absolutamente elitista. Parece que só existe a História da Fotografia que jamais mencionou o Brasil ou qualquer outro país latino americano. Se você pegar autores clássicos vai encontrar uma redução do planeta Terra em alguns países. Essa coisa ridícula me chama atenção desde muito cedo e sempre vai existir uma coisa a me motivar contra isso.

Essa história começa na metade dos anos 70 com a pesquisa em arquivos onde eu comprovo que houve uma invenção independente da fotografia no Brasil, o que causou uma polêmica internacional enorme. Hoje, você vê na bibliografia internacional, nos autores novos, o Florence² está lá como um dos inventores. Foi uma intervenção na História e não há satisfação maior na vida. Da mesma forma que esse inventor isolado acaba desenvolvendo o processo fotográfico no Brasil, inúmeros anônimos da História percorreram a América Latina em busca de clientela. Não existiam apenas os fotógrafos do Reino, como eu chamo um pouco maldosamente, mas também centenas de outros que não estavam ao redor da Corte. A profissão do fotógrafo – no início o daguerreotipista, depois já a fotografia sobre outros suportes e finalmente sobre o papel a partir de 1860 – acaba sendo um testemunho de vida: Todas as pessoas, e não apenas as classes altas, queriam uma representação social imortalizada. A fotografia democratizou essa possibilidade. E quem entrava nessa profissão eram aventureiros, pessoas que aprenderam o básico de uma tomada fotográfica para fazer um retrato. O sistema de obtenção e revelação era precário e os laboratórios eram complicadíssimos na época. Era necessário saber química e carregar a parafernália toda em cima de um lombo de burro. Em cidades remotas, o casamento acontecia e o morto era enterrado quando o fotógrafo chegava à cidade.

Sempre tive interesse de saber quem eram esses anônimos, dar nomes a eles. Para remontar a história social e cultural da fotografia era fundamental descobrir a trajetória da forma mais precisa possível. O livro se tornou, assim, útil aos arquivos, às bibliotecas, aos centros de pesquisa, aos pesquisadores que trabalham com

imagens que não conseguem datar as fotografias que encontram. O Museu Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, tem utilizado o Dicionário para ter essas respostas. Isso acontece também no Ceará, no Mato Grosso.

Adverso – O Dicionário foi montado também com contribuições do País inteiro...

Boris Kossoy – Pesquisei um pouco em todas as regiões, mas acabei tendo correspondentes. Dentro das pesquisas de outras pessoas, a gente se perguntava: Qual fotógrafo você descobriu no seu arquivo? Temos o nome, mas não sabemos o que ele fez. O livro é um mosaico que ainda tem muito para crescer. Nós chegamos a reunir 900 verbetes, todos em cima de fontes primárias. É uma obra de referência, por isso deve ser absolutamente precisa. O Dicionário serve como pista para que outros pesquisadores continuem esse trabalho. Aquilo de um falar para o outro: já consultou o Kossoy? A pesquisa começa em documentos que são descobertos em arquivos, em coleções particulares, até no lixo e nos sebos de livros antigos você encontra uma coleção de fotos. Não é a história completa nem existe isso, seria pretensão, mas o que se pode é contribuir constantemente para ampliar o conhecimento histórico.

Adverso – E os fotógrafos que são referência?

Boris Kossoy – Isso é complicado porque você fala de um e deixa de falar de mil. Começando no Brasil, o Rio Grande do Sul tem fotógrafos fantásticos. Calegari, no século 19. Fotógrafos do século 20 nem é necessário dizer, porque a participação gaúcha na Coleção Pirelli, por exemplo, é muito forte. O Estado tem uma fotografia muito forte, muito preocupada. São grandes fotógrafos e muitos deles são meus amigos. Na América Latina, é indiscutível que o Martín Chambi, do Peru, é uma referência. Depois de ser descoberto internacionalmente, agora é só dele que se fala, mas ele realmente foi um excelente fotógrafo. No México, você não pode esquecer de Manuel Álvarez Bravo, a grande referência latino-americana do século 20. Dos fotógrafos internacionais, ainda sou um pouco fascinado por Robert Capà, Henri Cartier Bresson, Werner Bischof, Eugene Smith, Berenice Abbott, o pessoal da Agência Magnum. E mesmo fotógrafos muito mais contemporâneos como a Nan Goldin que trabalha uma estética muito mais intimista, misteriosa e interessante me agradam muito. Dos mais antigos, Paul Caponigro. Margareth Bourke-White, fotógrafa que teve mais coragem que 100 homens juntos pulando de pára-quedas nas linhas inimigas durante a 2ª Guerra Mundial. As pessoas que fizeram isso têm o nosso respeito para sempre, se entregaram de corpo e alma à fotografia. É uma história de grandes heróis que é diferente com a fotografia dos dias atuais. Os meios de comunicação colocam no ar muitas imagens de arquivo, imagens feitas com celulares. As coisas mudaram bastante de rumo, mas a História da Fotografia ainda é fascinante e continua acontecendo dia a dia.

1. Processo fotográfico feito sem uma imagem negativa, criado pelo francês Louis Daguerre em 1837 e anunciado em 1839. Foi declarado pelo Governo Francês como domínio público. As câmeras são grandes e pesadas.

2. Kossoy comprovou a descoberta independente da fotografia no Brasil por Hercules Florence, assunto de ampla repercussão no exterior, nos meios acadêmicos e institucionais. Florence nasceu em Nice, França, em 1804 e chegou ao Brasil 20 anos depois. Desenhista, foi contratado pelo Cônsul Geral da Rússia para documentar uma

expedição científica à Amazônia, realizada entre 1825 e 1829. A participação nesta expedição foi a mola propulsora das várias pesquisas de Florence. Suas invenções buscaram o registro dos sons e das imagens que havia observado durante os quatro anos da viagem científica. Em 1830, e até seu falecimento em 1879, passou a viver em Campinas, onde desenvolveu seus inventos, entre eles a gravação de imagens pela ação da luz.

Sem razão para não subverter

Publicações experimentais do curso de Jornalismo da Ufrgs, 3x4 e Sextante ensinam a prática da profissão com liberdade

por Juliano Bruni Pereira *

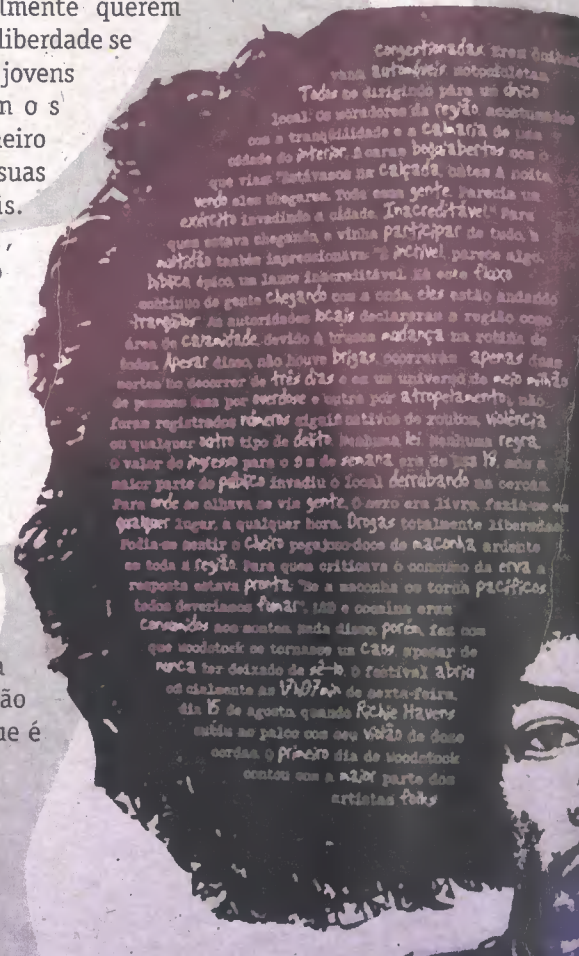
A manhã de princípios de abril ainda é quente, apesar do início formal do outono, dias antes. São pouco mais de uma dúzia os jovens presentes para o início da aula e povoam apenas metade da sala do recém-reformado prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Ufrgs. Até o ar-condicionado ser acionado e amenizar a temperatura intolerante, os abanos com as folhas de papel produzem um farfalhar seco que se une, indivisível, às vozes baixas. Em instantes, todas se calam para ouvir apenas uma, a de Wladimir Netto Ungaretti, professor da cadeira de Redação Jornalística IV, disciplina responsável pela produção de um dos dois trabalhos laboratoriais do curso de Jornalismo. De pronto, o assunto abordado não é a publicação. "Gostaria de comentar algumas coisas interessantes com vocês", inicia oficialmente, erguendo um exemplar de Carta Capital. "Não sei se alguém já pôs a mão na edição desta semana, mas eu alerto novamente a vocês que os editoriais do Mino Carta são verdadeiras aulas de Jornalismo". Às suas costas, no quadro, é possível visualizar de que forma a publicação experimental ganhará vida. Cobrindo três meses, todo o processo está organizadamente previsto por datas a serem cumpridas até meados de junho. Gráfica, dia 10, está duplamente sublinhada.

Durante seus oito semestres curriculares, o curso de Jornalismo da Ufrgs prevê dois trabalhos experimentais, ambos já no último ano. O jornal 3x4, realizado no sétimo semestre, e a revista Sextante (fruto da disciplina Produção e Difusão em Jornalismo Gráfico), no período seguinte, encerram o aprendizado dos futuros jornalistas de forma prática. Criados no início da década de 1970 e de periodicidade é linha editorial claudicantes durante quase 30 anos, 3x4 e Sextante encontraram estabilidade nos anos 2000. Ungaretti, crítico contundente do "atual ensino de comunicologia", atribui isso à relação com os alunos e desses com o próprio trabalho que realizam. "Sou jornalista que, por circunstâncias da vida, exerce a função de professor. Tento ser não-professoral e a grande coisa nisso é tratar os estudantes como colegas de profissão para ter o respeito deles." O resultado é invariavelmente a liberdade.

Há quase oito anos, toda a feitura das publicações experimentais fabicanas segue mais ou menos o mesmo parâmetro articulado por Ungaretti. O estabelecimento do consenso é o primeiro passo. Nesse processo de harmonização

das diferentes idéias, o orientador atua repassando o que diz ser os únicos ensinamentos possíveis. "Jornalismo é trabalho de equipe, não há como ser diferente, e a maioria acaba sacando. Aliado a isso vem a capacidade de negociação. No Jornalismo, tudo é negociado." O consenso em relação ao tema parte da necessidade de fazer todos seguirem a mesma direção. Além disso, Ungaretti revela outro trufo da abordagem temática das publicações-laboratório que coordena: "Cada aluno, em torno de um tema, mostra o seu rosto, sua maneira de encarar as coisas". Por vezes, o assunto escolhido não encontra eco na experiência como jornalista de Ungaretti – que não se furta em explicitar isso nos próprios editoriais – e, em outras ocasiões, suas sugestões são apreciadas a ponto de definir o tema da edição. "A partir do momento em que se delineia um tema, ponho todos os problemas possíveis para que eles busquem as soluções".

O segundo aspecto a nortear o trabalho é a diferenciação com o que é produzido pela grande mídia. A explicação? "Não há razão para não subverter, então digo para fazerem o que realmente querem fazer". O incentivo à liberdade se reflete no ânimo de jovens que vêem nos experimentos o primeiro grande texto de suas vidas profissionais. Juliano Tatsch, jornalista formado na turma mais recente da Fabico, confirma: "O 3x4 e depois a Sextante foram os dois momentos durante a faculdade onde eu me considerei jornalista de fato e onde eu soube, com a maior das certezas, que havia escolhido a profissão certa". Percebe-se que é





basicamente este espírito – de resposta aos anseios de cada um – que proporciona uma variedade de temas, à primeira vista tão díspares, e o tratamento dedicado a cada pauta.

Se antes havia a indefinição sobre o que preencheria as páginas de 3x4 e Sextante, nos últimos anos o espectro de assuntos tratados pelas duas publicações-laboratório é formado por questões tanto atuais quanto perenes, de abordagem direta, mas também de conteúdo subjetivo. Em 2003, por exemplo, “trabalho” e “grandes reportagens” foram os destaques. A Sextante sobre religião, do ano seguinte, ainda hoje é fonte preciosa de estudos para os cursos de Ciências Sociais, enquanto em 2005 surgia elegante edição dedicada ao erotismo. O leque segue com: cidades, terra, caos, o Golpe de 1964, fotojornalismo, velocidade, Copa do Mundo, estranhezas, crise política, América Latina, morte. A identidade gráfica da fase mais recente ajuda a harmonizar gama tão grande de assuntos, mas a única exigência é a manutenção das dimensões (aproximadamente tamanho A3 para o jornal 3x4 e A4 para a revista Sextante). Planejamento gráfico e diagramação, assim como já

acontece com as pautas e o próprio tema, ficam a cargo dos alunos, sempre com as sugestões e supervisão do orientador.

O êxito na produção das publicações originou projetos paralelos às edições normais do semestre. Em 2006, um pequeno grupo de cinco estudantes ainda em início de curso acompanhou o campeonato de futebol de várzea de Porto Alegre. O resultado foi um número especial de 3x4 contando a experiência, uma grande reportagem

de 12 páginas. No ano seguinte, grupo ainda menor (eram três) debruçou-se sobre a questão dos índios gaúchos. Todos agora participam da edição regular de 3x4. “Temos que aprender a conviver com as pessoas. E, por mais absurdo que pareça, acho que essa é uma das partes mais difíceis”, opina Débora Gastal, uma das três. “Comecei a fazer a revista no 3º semestre, e ela foi o meu primeiro contato verdadeiro com a reportagem. Além disso, éramos a redação e a comissão editorial ao mesmo tempo. Já o 3x4 do semestre exige mais organização e mais hierarquia. O número de pessoas é maior e o tempo é limitado”.

Entrevistas: a grande vitória

Colocar jovens jornalistas e vultos da História frente a frente é para o orientador Wladimir Ungaretti a “mais importante conquista” de cada edição das publicações-laboratório. Basta olhar o acervo reunido nas páginas de 3x4 e Sextante para entender que essa noção tem sido bem assimilada pelos estudantes. Talvez seja possível afirmar que o ponto alto dos experimentos são as páginas que trazem as palavras de personagens importantes. A lista dos convidados especiais é luxuosa e extensa. Uma das mais celebradas conversas registradas foi a do maior bibliófilo do País e dono do maior acervo de livros do Brasil, José Mindlin, na revista que tratou da leitura. José Mojica Marins, o Zé do Caixão, preencheu oito páginas do jornal 3x4 em 2007 falando sobre a morte e o escritor uruguaio Eduardo Galeano motivou encarte especial na edição sobre a América Latina. Jorge Mautner falou sobre o caos e Emir Sader tratou de trabalho. No segundo semestre de 2007, Sextante trouxe 15 entrevistas em edição especial. Ali estavam, entre outros, Tostão, Vitor Ramil, Luiz Pilla Vares e Eva Sopher. Ungaretti conta que a entrevista é o espaço certo para o aprendizado. “O pessoal que entrevistou o Zé do Caixão se lamentou, ‘bah, tivemos que esperar por ele até depois da meia-noite’. Me empolguei. ‘Vocês entrevistaram o cara depois da meia noite?!’ Sugeri, claro, que colocassem isso no texto. ‘Esse é o olho da matéria.’”

* Jornalista, graduado pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico/Ufrgs) em 2004.

que participaram do Festival, aliada na sexta-feira, passaram pelo palco gigante Country Joe McDonald. John Sebastian, que não foi convidado oficialmente, mas acompanhado de um grupo de músicos e chamado a participar. Incredible String Band, Sweetwater, Bert Sommer, Tim Hardin, Ray Charles, que teve sua show interrompido pela chuva. Melania Arlo Guthrie e Joan Baez. O segundo dia do festival, trouxe os principais artistas rockers e de rock que passaram por Woodstock de Nova York, começando as 12h com o Quill. Na sequência, houve as apresentações de Santana, Carmel, Neil Young, Jethro Tull, Sly & the Family Stone, Grateful Dead, Creedence Clearwater Revival, The Who e Jefferson Airplane. O terceiro dia de Woodstock, domingo 17 de agosto de 1969, teve seu primeiro show iniciando às 14h, quando The Cocker abriu ao palco. Depois da apresentação de Cocker, um tempo teve início o que aconteceu a paralização das atividades e as consequências atras na programação após o fim da chuva, saíram ao palco, na sequência, Country Joe and the Fish, Ten Years After, The Band, Johnny Winter, Crosby, Stills, Nash & Young, Paul Butterfield Blues Band, Blue Cheer e Jimi Hendrix, que deveria fechar o festival à meia-noite, mas conseguiu sua apresentação somente às 11h da manhã de segunda-feira. Woodstock foi como uma cerimônia de ovação da contracultura, aquela que viveu o princípio de viver o festival de paz, paz, paz, constituindo-se um símbolo de solidariedade e ausência dos meios de repressão e opressão da sociedade organizada, criou uma aura de liberdade, nunca vista. Jovens e velhos, homens e mulheres, brancos e negros, todos juntos. Woodstock vai mais do que do festival de música, Woodstock foi uma celebração da paz.

Número de índios assassinados no Brasil cresce em 2008

Os dados do relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil, do Cimi, são alarmantes. Principal causa da violência contra índios são conflitos por terras. Grandes empresas seriam responsáveis por algumas mortes.



Clarissa Pont

O número de índios assassinados cresceu 64% de 2006 para 2007. O ano passado foram 92 casos registrados em uma população total de 734 mil indígenas no País. Segundo matéria da jornalista Adriana Brendler, publicada na Agência Brasil, a maior parte dos casos ocorreu em Mato Grosso do Sul, onde 80 índios foram mortos nesse período: 27 em 2006 e 53 em 2007, indicando um aumento de 99% nos crimes de um ano para outro.

As estimativas fazem parte do relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil 2006/2007, elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entidade ligada à Igreja Católica que acompanha a questão indígena há 36 anos e, desde 1998, publica o relatório bianual. O documento, que aborda também questões de invasão de terras, trabalho escravo e falta de assistência nas áreas da saúde e educação indígenas, aponta a questão fundiária como o principal fator responsável pelo aumento da violência.

Segundo a organizadora do relatório, Lúcia Rangel,

pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o aumento de assassinatos é resultado da crescente tensão no cotidiano das comunidades indígenas em Mato Grosso do Sul. Lúcia afirma que, por falta de terras, os índios moram em acampamentos à beira das estradas ou "confinados" em reservas, como a de Dourados, no sul do estado, onde 12 mil índios da etnia Guarani-Kaiowá vivem em 3,4 mil hectares. De acordo com o relatório, a maior parte dos assassinatos que tiveram autoria identificada foi cometida por índios. "É uma população que não tem onde plantar, não tem como reproduzir seu meio de vida e, daí, decorre uma série de problemas, como desnutrição e mortalidade infantil, suicídio de jovens e conflitos internos, com assassinatos de índios por índios, e também de indígenas por seguranças de fazendeiros que não querem abrir mão de uma parte das suas terras", explica.

Conforme o levantamento do Cimi, um índio da reserva de Dourados dispõe de um espaço 20 vezes menor do que o de uma cabeça de gado no estado: para o gado, há em média 7 hectares de terra, enquanto na reserva de Dourados há cerca de 0,3 hectare por pessoa. O relatório ainda destaca o impacto negativo para os índios do trabalho em usinas e fazendas de cana-de-açúcar, por falta de alternativas de subsistência. Houve quatro assassinatos em alojamentos de usinas e dois casos de trabalho escravo comprovados pelo Ministério do Trabalho em 2007.

No Maranhão, segundo estado com maior registro de assassinatos, foram contabilizadas 10 mortes de índios Guajajara por episódios relacionados à invasão de aldeias por madeireiros e ao contato com a estrada de ferro da empresa Vale do Rio Doce, que corta a terra indígena. No Espírito Santo, foi destacada a disputa por terras entre os índios Tupinikim e Guarani e a empresa Aracruz Celulose, com uma série de conflitos violentos que só cessaram com a demarcação definitiva das terras indígenas.

Raposa Serra do Sol

No dia 5 de maio, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) informou, através de nota oficial, que dez índios da reserva Raposa Serra do Sol, teriam sido baleados por "jagunços do líder dos arroteiros Paulo César Quartiero". De acordo com o relato da entidade, os índios trabalhavam na construção de barracos quando foram surpreendidos pelos supostos autores do ataque. O clima de tensão aumentou no início de abril, quando o Supremo

Tribunal Federal (STF) suspendeu a Operação Upatakon 3, que visava a retirada dos não-índios do local, e a Polícia Federal (PF) se instalou no local na tentativa de garantir segurança pública dentro da terra indígena. A posse da terra aos índios – uma área de 1,7 milhão de hectares – foi homologada pelo presidente Lula em 2005, depois de quase 30 anos de luta dos indígenas que habitam a região.

NOVO MOVIMENTO DOCENTE

Adufrgs suspende repasse de verbas à Andes

Assembléia do dia 30 de abril, que reuniu 93 professores no Campus do Vale, aprovou a suspensão imediata dos repasses financeiros à Andes até que a entidade obtenha Registro Sindical junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Ficou decidido também que será realizada consulta eletrônica sobre a transformação da Adufrgs em sindicato local e sua conseqüente desvinculação da Andes. Estas decisões consolidam o Novo Movimento Docente em Porto Alegre, que já possui um número significativo de simpatizantes em pelo menos outras duas Ifes do Rio Grande do Sul: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal do Rio Grande (Furg).

A consulta eletrônica será precedida por duas assembléias gerais – nos campi Saúde e Central – e por amplo debate através dos meios de comunicação eletrônicos e impressos da Adufrgs, onde será garantido espaço às posições contrárias e favoráveis à transformação da entidade em sindicato. Esse processo, já consolidado em Belo Horizonte e São Carlos, se torna necessário, principalmente, para assegurar o caráter legal da associação como entidade sindical. Vale lembrar que professores de três universidades federais – Minas Gerais (UFMG), Juiz de Fora (UFJF) e Ouro Preto (Ufop) – já foram prejudicados na Justiça devido à falta de Registro Sindical da Andes que deveria representar suas seções também sob o ponto de vista legal.

O caso mais recente aconteceu no dia 15 de abril, quando o Superior Tribunal de Justiça (STJ) pôs fim a uma ação movida pela Andes contra a Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e a União. A entidade nacional pleiteava a restituição de valores descontados dos proventos de seus associados – neste caso docentes da Ufop – a título de contribuição previdenciária. A ação havia sido extinta pelo Tribunal Regional Federal da 1ª Região porque o sindicato não comprovou o registro no MTE, um requisito para sua existência legal de acordo com a Constituição Federal. O STJ manteve o mesmo posicionamento, alegou precedentes nesse sentido inclusive no Supremo Tribunal Federal (STF) e mandou arquivar o processo.

Na verdade, a falta de Registro Sindical, apesar da gravidade, é apenas um entre muitos motivadores da mudança. Detonado principalmente pela postura antidemocrática da Andes em suas instâncias de deliberação, o desgaste no Movimento Docente começou há pelo menos uma década, como têm demonstrado vários depoimentos de professores engajados. Soma-se a tudo

isso a decisão da entidade nacional de não negociar com o governo e a retirada dos temas de interesse direto dos professores das Ifes das principais pautas de discussão. Para preencher essa lacuna nasceu o Fórum de Professores das Ifes (Proifes), que já se consolidou como legítimo representante dos docentes das universidades federais, quando assumiu a responsabilidade de assinar um acordo salarial com o governo no final do ano passado sem o aval da Andes.

Legitimado por boa parte da categoria, o Proifes busca agora a legalidade sindical. O primeiro passo foi dado no final de abril em Brasília, quando 37 professores, oriundos de 21 Ifes de todas as regiões do Brasil, decidiram indicar a transformação do Proifes em Federação Nacional de Professores Federais. A idéia é fundar uma entidade nacional que venha a agregar os sindicatos locais que estão sendo fundados em vários pontos do País. A decisão foi tomada depois de dois dias de debate, em que representantes de alguns estados relataram que a maior dificuldade encontrada para aprovação de um sindicato local era o fato de não haver uma entidade nacional a qual pudessem se filiar, depois de se desligarem da Andes.

A transformação do Proifes em federação deve ainda ser debatida em vários pontos do País e precisa ser aprovada no IV Encontro Nacional do Proifes, que será realizado em Brasília, em julho. Participaram do encontro que indicou a criação da Federação, professores de Universidades do Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e São Paulo, além de diretores de nove ADs, entre elas a Adufrgs, e representantes de 12 Núcleos do Proifes.

NOVO MOVIMENTO DOCENTE

Chapa que apóia Sindicato Local vence no RN

Vitória da chapa “Livre Docência, Novos Rumos”, no Rio Grande do Norte, deixa mais próxima a efetivação do Sindicato Local. A diretoria eleita para o biênio 2008/2010, que assume em junho, tem como prioridade trabalhar pela fundação de uma entidade de caráter sindical que possa representar, de fato, os professores. Para Alexsandro Galeno Araújo Dantas, atual vice-presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Adurn), o expressivo comparecimento às urnas – mais da metade do eleitorado – e a diferença de quase 200 votos para o grupo vencedor respaldam politicamente uma possível desvinculação da Andes. Nesta entrevista à revista *Adverso*, Alex Galeno fala sobre o engajamento da Adurn no Novo Movimento Docente, que vem se consolidando com a atuação positiva do Proifes.

Adverso – Qual é a posição da atual diretoria da Adurn com relação à atuação da Andes e ao Novo Movimento Docente?

Alexsandro Galeno Araújo Dantas – A nossa diretoria é parceira desse movimento há mais de um ano. Fazemos oposição à Andes por duas razões. A primeira, de ordem política, é a concepção burocrática que vem sendo implementada na Diretoria que impede o diálogo e resulta em falta de democracia, onde não há espaço para o diferente. Essa é uma questão mais de fundo, que se concretiza, por exemplo, com o acordo assinado agora com o governo, que a Andes não quis negociar. Exatamente por terem uma concepção política muito fechada, muito pela lógica da negação, eles eliminam a interlocução, pondo fim à concepção de democracia dentro do sindicato.

A segunda razão pela qual fazemos oposição à Andes é de ordem intelectual. Existe um esgotamento político e intelectual, uma vez que mais de 80 docentes que fazem parte da atual diretoria da Andes ficam muito engessados à máquina e têm pouca ligação com a vida acadêmica. E acho que a Universidade hoje vive um processo, por um lado muito voltado para a produção do conhecimento, mas que conta também com aquele professor que faz pesquisa, extensão e reflete sobre seu próprio conhecimento. Isso não faz parte da agenda da Andes. Ou seja, é preciso discutir condições de trabalho e o tipo de conhecimento produzido pelos professores, além de campanha salarial, condições de infraestrutura nos laboratórios e salas de aula.

Adverso – Como o senhor avalia o chamado Novo Movimento Docente na UFRN?

Alex Galeno – Há mais de um ano, quando participamos de uma reunião de ADs juntamente com o Proifes, a gente vem capitalizando uma nova concepção de movimento docente. Isso culminou na criação de um Núcleo do Proifes em Natal, que no mês passado recebeu cerca de 120 novos filiados. Outros 150 assinaram um manifesto em favor de uma federação. De modo que a gente vem montando uma estratégia para criar o sindicato local. Já podíamos ter fundado cartorialmente, mas preferimos amadurecer mais a idéia entre os professores, principalmente agora com o fechamento do acordo com o governo, que nos deu mais confiança política e mais visibilidade ao Proifes. Acho que muitos conseguiram romper com um certo sentimento nostálgico em relação àquele movimento docente que não existe mais e que, de alguma maneira, estaria representado na figura da Andes. Agora estamos em outro estágio. Quando mais de uma centena de professores se filiou ao Proifes e assinou um manifesto de apoio à chapa da atual diretoria da Adurn, passamos a acreditar que há lastro político suficiente para fundar o sindicato.





Adverso – Quem se filiou ao Núcleo do Proifes saiu da AD?

Alex Galeno – Não, porque precisamos preservar algumas questões de ordem jurídica como, por exemplo, os precatórios. Por isso achamos prudente orientar os docentes a não se desfiliarem. E também como forma de evitar o terror da oposição na nossa AD que, de maneira muito perversa e desonesta está dizendo que quem se filiar ao novo sindicato perde o direito às ações jurídicas. Principalmente para os aposentados, que não estão vivendo o cotidiano, pode parecer assustador. O nosso regimento pressupõe que teríamos que fazer uma assembléia com mais de mil professores. E a proposta vitoriosa deve ter os votos de dois terços do quórum. Isso seria impossível! Nosso estatuto é completamente anacrônico para a realidade atual.

Adverso – Então, como vocês, que fazem parte desse Novo Movimento Docente, pretendem fundar o sindicato local?

Alex Galeno – Vamos fundar com essas pessoas que assinaram o manifesto pró-federação e estão se filiando ao Proifes. E vamos incentivar os demais a participar das duas entidades. Uma dos pontos de pauta da chapa que venceu a eleição da Adurn para 2008/2010 é fazer um plebiscito na Universidade em relação ao novo sindicato e à federação.

Adverso – A decisão das ADs que apóiam o Proifes de indicar a transformação do mesmo em federação pode ajudar nesse processo?

Alex Galeno – Sem dúvidas. Porque aí temos um elemento prático que dá segurança àqueles que se perguntavam quem iria ocupar o lugar da Andes. Segurança política porque se tem aí um interlocutor junto ao governo federal que é o Proifes e segurança jurídica garantida pelo *status* de federação. Para se ter um idéia, o pessoal na UFRN ligado à Andes disse que nós estávamos querendo transformar a Adurn em um sindicato local e negociar com o prefeito. Quer dizer, apostaram na desinformação. Então, o Proifes como federação ajuda bastante porque cria um elemento objetivo do que seria uma extensão nacional que passaria a ocupar o lugar da Andes, já que esta não representa mais os interesses dos professores das Ifes.

Adverso – Quais são os planos para a próxima gestão, principalmente em relação à criação do sindicato local?

Alex Galeno – A criação do sindicato local é prioridade para a nova gestão. Isto é, a diretoria recém-eleita continuará com a política da atual gestão de consolidar um processo deflagrado há mais de um ano, em parceria, com o Proifes e outras ADs. Como somos um grupo que conduzirá a Adurn, mais uma vez, com 58% dos votos válidos de um universo de 1099 votantes, achamos que a maioria dos docentes tem nos dado respaldo político para concretizar a formação do sindicato rumo a uma Federação de docentes das Ifes. A posse da diretoria eleita será em 27 de junho. Logo após, definiremos os rumos dessa agenda. Faremos consultas aos professores da UFRN, possivelmente, ainda no segundo semestre de 2008



Mariécia Pinheiro

"A criação do sindicato local é prioridade para a nova gestão."



NOVO MOVIMENTO DOCENTE

Por que discutir a relação com a Andes?

Professor de Química do Colégio de Aplicação da Ufrgs, Edson Lindner milita no Movimento Docente desde o início da década de 90 e já fez parte das diretorias da Adufrgs e da Andes. Nesta edição, ele relata um pouco de sua trajetória como militante, fala de suas participações em congressos e outras instâncias de deliberação da Andes e justifica, com fortes argumentos, porque defende a criação de um sindicato local que represente os professores da Ufrgs.

Por **Edson Luiz Lindner**

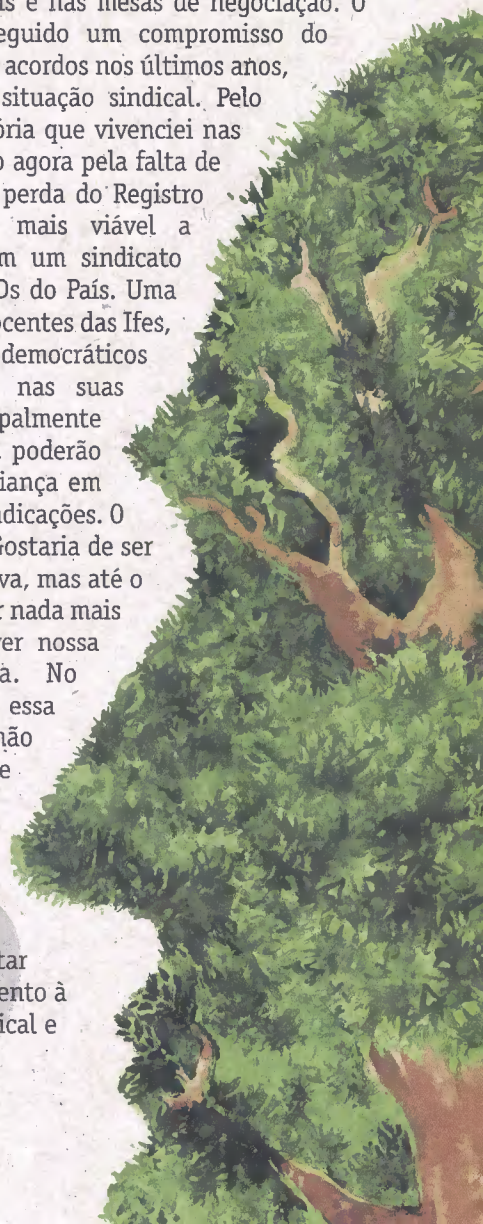
Participo do Movimento Docente desde o início da década de 90. Minha primeira participação em âmbito nacional foi no Congresso de 1992, em Cuiabá/MT. Na ocasião, sendo neófito no movimento, comecei a “conhecer” as instâncias e os instrumentos de decisões da Andes, que ainda não tinha a figura jurídica de Sindicato Nacional. Como era congresso pré-eleitoral, o debate para organização da chapa da então denominada Articulação Andes-AD (Autônoma e Democrática) foi um “espetáculo”, com direito a debater quem fazia parte da tal “articulação”. E era preciso ter “carteirinha” para participar. Desde então comecei a ver que “os limites da articulação” deixavam de lado aqueles que não comungavam de suas idéias. Achei estranho, pois os princípios eram e continuam sendo comuns a todos docentes, fazendo parte, até hoje, dos compromissos da Andes e não observei nenhum grupo de colegas do movimento que não aceitasse esses princípios. Lutar pela educação pública de qualidade, pela universalização do acesso à educação superior pública e gratuita, contra toda forma de cerceamento à liberdade de organização sindical e de expressão e valorizar o trabalho docente, entre outros, são alguns desses princípios. Senti, então, que fazia parte dessa articulação. Participei, inclusive como tesoureiro da Regional/RS na gestão 1994-1996. Saí antes do final da gestão por não concordar com as estratégias e os artifícios nada democráticos de manter o poder dentro da Andes.

A partir desse momento, comecei a ver que a tal articulação mostrava, a cada ano, não seguir todos esses princípios. Demonstrava ser mais “autônoma” e menos democrática. Desde os processos de escolha de dirigentes até as propostas de negociação nas reuniões do Setor das Federais, nos Conads e Congressos, as idéias de um grupo e seus seguidores barravam quaisquer iniciativas ou propostas que contrariavam o que esse grupo defendia. Cresciam os descontentes com a Andes-AD e outros grupos se formavam. De lá para cá, as divisões internas se acirraram, afastando ainda mais os professores do sindicato.

Com esse breve relato histórico da minha participação no Movimento Docente quero demonstrar a preocupação que tenho em ver que a direção de nosso Sindicato Nacional está com muitas dificuldades e muito distante de sua base. A falta do Registro Sindical – importante instrumento para resolver questões jurídicas (vide problemas observados em algumas Ifes de Minas Gerais) –, as sucessivas recusas em negociar com o

governo e o conseqüente descontentamento de um grande número de ADs enfraqueceram a Andes. A intransigência do grupo Andes-AD, perpetuado na direção do Sindicato colabora para o esfacelamento do Movimento Docente. Tentou-se de várias maneiras a busca de alternativas para evitar a cizânia, mas, a meu ver, foram infrutíferas.

O surgimento do Proifes foi uma primeira reação e uma resposta daqueles que buscam lutar pelos direitos dos docentes nas instâncias governamentais e nas mesas de negociação. O fato de o Proifes ter conseguido um compromisso do governo, em um dos melhores acordos nos últimos anos, faz com que repensemos a situação sindical. Pelo tempo gasto e pela luta inglória que vivenciei nas instâncias da Andes, agravado agora pela falta de representação legal devido à perda do Registro Sindical, vejo como saída mais viável a transformação da Adufrgs em um sindicato local, a exemplo de outras ADs do País. Uma federação de sindicatos dos docentes das Ifes, propondo novos e mais democráticos mecanismos de deliberação nas suas instâncias decisórias, principalmente nas Assembléias Gerais locais, poderão devolver aos docentes a confiança em verem atendidas as suas reivindicações. O debate é aberto e complexo. Gostaria de ser convencido de outra alternativa, mas até o momento não pude vislumbrar nada mais eficaz e urgente para resolver nossa situação jurídica precária. No entanto, fico tranquilo, pois essa nova configuração sindical não irá ferir os princípios e compromissos que o Movimento Docente sempre buscou. Mais ainda, irá resgatar um deles, esquecido pelas últimas direções da Andes, o de “Lutar contra toda forma de cerceamento à liberdade de organização sindical e de expressão”.



ELEIÇÕES NO PARAGUAI

Guinada à esquerda

Em uma eleição histórica, o Paraguai elegeu o ex-bispo Fernando Lugo como novo presidente do país, rompendo com um governo de mais de seis décadas do Partido Colorado. As questões cruciais a serem resolvidas no país vizinho dependem de decisões estratégicas brasileiras, como a revisão do Tratado de Itaipu. Para a população que comemorou nas ruas, a eleição deste ano teve gosto de final de ditadura. A Adverso esteve em Assunção e acompanhou o processo eleitoral paraguaio.

por Clarissa Pont
fotos Eduardo Seidl
de Assunção

Festa popular em frente ao Granado Hotel, onde estavam hospedados os observadores internacionais convidados pela Aliança Patriótica para a Mudança.

No Paraguai, a filiação ao Partido Colorado parecia ser sinônimo exclusivo de participação política. O Partido manejou de forma inescrupulosa seis décadas no poder, entre governos fraudulentos e ditaduras opressoras. Na eleição deste ano, calcula-se que, dos 2,8 milhões de cidadãos paraguaios habilitados a votar pelo Registro Nacional de Eleitores, cerca de 5% (140 mil) sejam "eleitores fantasmas". A soma envolve irregularidades na documentação e inexplicáveis situações como o voto de presos, emigrantes e mortos. A ditadura de Alfredo Stroessner, responsável por tirar Federico Chávez da presidência com um golpe militar em 1954, perpetuou-se através desta lógica. Stroessner se reelegeu, em eleições violadas, por sete mandatos consecutivos, mantendo-se 35 anos no poder. A candidatura de Fernando Lugo garantiu, pela primeira vez desde a abertura democrática em 1989, a dúvida sobre o resultado das eleições presidenciais. Até então, a população sabia que, não importava o voto, o candidato colorado sairia vencedor.

A história do novo presidente do Paraguai começa em uma pequena comunidade rural, onde a família foi perseguida pelo regime ditatorial de Stroessner e seu pai foi preso por mais de vinte vezes. Três de seus irmãos foram expulsos do país. Aos 19 anos, Lugo entrou no Seminário da Congregação do Verbo Divino. Sua trajetória na Igreja sempre esteve identificada com a Teologia da Libertação. Em 1983, foi expulso do Paraguai sob a alegação de proferir "sermões subversivos". Viveu em Roma, retornou ao Paraguai em 1987 e, em 1994 foi ordenado bispo. No final de 2006, Lugo teve de abandonar o sacerdócio para disputar as eleições presidenciais. "Meus irmãos foram presos, torturados e expulsos do país porque faziam oposição a Stroessner. Em meu sangue há um sangue da política que foi canalizada para a vida missionária", conta Lugo.

A Aliança Patriótica para a Mudança, coligação que sustentou a candidatura de Lugo, reúne sob uma mesma legenda nove partidos políticos e diversos movimentos sociais, sindicais e indígenas. Apesar do voto na Aliança traduzir uma conquista democrática e a renúncia aos partidos tradicionais, o Partido Liberal Radical Autêntico, segunda força partidária paraguaia depois da tradição colorada, forma a mesma frente, representado por Federico Franco, novo vice-presidente. As contradições entre a base popular que impulsionou a vitória de Lugo e o partido de Franco são capazes de inviabilizar um governo. De qualquer forma, Lugo e Franco estiveram juntos durante toda campanha e, em discursos, apoiaram que a Aliança é uma força não apenas eleitoral, mas também política. "Pela primeira vez, nosso país vive uma etapa importante da vida política, com características quase atípicas. Primeiro, pela formação de uma grande Aliança Patriótica para a Mudança, com partidos políticos e organizações sociais, camponesas, obreiras, sindicais e indígenas. Construímos a unidade na diversidade, queremos uma democracia apoiada no pluralismo", reiterou Lugo à Adverso, dias antes de ser eleito presidente.

Segundo ele, "o Paraguai não pode seguir sendo uma ilha entre as outras nações. Estamos na sombra de dois grandes

países, Argentina e Brasil. O Paraguai tem de consolidar e construir sua própria identidade política em um processo transformador dentro do país. A Aliança reúne ideologias pluralistas e nosso grande esforço é construir a unidade dentro desta diversidade. Construir as colunas fundamentais da democracia com esses partidos diferenciados". O novo presidente paraguaio parece antever que a relação diplomática com o Brasil terá de ser muito forte para sustentar as mesas de negociação sobre a revisão do Tratado de Itaipu. O Paraguai reivindica que o Brasil pague o preço de mercado pela energia excedente produzida em Itaipu. As mudanças estruturais e o investimento social vislumbrados pela esquerda paraguaia dependem da revisão do Tratado.

Para o engenheiro Ricardo Canese, especialista em hidroeletricidade e membro da direção nacional do Movimento Popular Tekojoja, a questão da soberania energética do país deve ser resolvida "no mais alto nível com o Brasil". Canese é um dos grandes defensores da renegociação do contrato de Itaipu e possível novo Ministro da Energia do governo Lugo. "Nós discutimos o tema da soberania hidroelétrica desde a década de 70, quando se firmou o Tratado de Itaipu. Eu fui ao Fórum de São Paulo, em 2002, e fizemos essa discussão com o pessoal do Jubileu Sul. Quando Lugo ainda era bispo, lançamos uma campanha de recuperação da soberania hidroelétrica. Nós temos muita confiança de chegar a um acordo aceitável para ambas as partes com o presidente Lula", afirmou Canese.

"Acreditamos que o Tratado de Itaipu, de 26 de abril de 1973 para ser exato, se deu em condições onde havia uma grande lacuna e falência democrática, e sem participação da cidadania. Antes da assinatura do contrato, houve diversas reuniões preliminares. Em uma das mais importantes, na cidade de Foz do Iguaçu em 1966, Brasil e Paraguai asseguraram que o preço da energia seria justo. Nós consideramos que a energia que hoje se vende ao Brasil não possui um preço justo, porque corresponde ao valor de custo, não de mercado. Ninguém concede sua energia a preço de custo hoje. A Venezuela não vende seu petróleo a preço de custo; nem o Chile, o seu cobre. A Bolívia também vende seu gás a preço de mercado. O Paraguai é um dos poucos países que vende sua energia aos sócios na construção da represa a preço de custo", pontuou Lugo sobre o tema que mudará fundamentalmente a economia nacional.

"A história paraguaia é marcada por governos autoritários"

Segundo a coordenadora do curso de Antropologia da Universidade Católica de Asunción, Marilyn Rehnfeldt, "Fernando Lugo é uma alternativa interessante para que o Paraguai entre na modernidade. Nem sequer dizemos que vamos entrar em um governo socialista, apenas na modernidade. E isso já vai ser um passo muito importante". A militante do Tekojoja, possivelmente o mais forte grupo político progressista do país, apoiou a candidatura do ex-bispo

desde o início. "A história paraguaia é marcada por governos autoritários e por uma cultura autoritária, que remonta à época da colônia. Sempre tivemos figuras muito fortes desde o Marechal López até os governos militares. Mas existia uma cultura democrática insipiente. Até que, nos anos 40, os militares tomaram o poder depois de uma série de disputas internas. Sempre houve dois partidos políticos no Paraguai, com uma influência muito grande, o Partido Colorado e o Partido Liberal", explica a professora.

A vitória de Fernando Lugo denota justamente um voto contra as antigas estruturas políticas. Para que se tenha uma idéia, existe uma tradição no país de comparecer às urnas antes das 10 horas da manhã. Reflexo de um temor, isso acontece porque, desde a abertura democrática, os eleitores sabem que prorrogar o voto para depois do meio-dia é correr o risco de chegar à mesa de votação e encontrar uma assinatura falsa e o voto de outra pessoa no lugar do seu. Nas eleições deste ano, centenas de observadores internacionais convidados pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela Aliança Patriótica para a Mudança circularam pelo Paraguai a fim de garantir a transparência do processo. "O ato eleitoral foi para todos os paraguaios uma forma de expressar o sentimento de mudança. Apesar de termos visto, em alguns locais de votação, a estrutura de controle que o Partido Colorado possui, acreditamos que tudo correu bem. É muito importante para o Paraguai a vitória de uma aliança progressista. Apoiamos esta aposta da democracia e essa aposta de seguir mudando a direção dos ventos na América Latina", assinalou a deputada pela Frente Ampla, do Uruguai, Eleonora Bianchi, que esteve em Assunção como observadora.

Blanca Ovelar e Lino Oviedo: partidos tradicionais saem derrotados

As pesquisas de intenção de voto indicavam há alguns meses a vitória de Lugo. Na disputa pelo segundo lugar, estavam a candidata governista Blanca Ovelar, do Partido Colorado, e o ex-general Lino Oviedo, da União Nacional de Cidadãos Éticos (Unace). Ambos são personagens da tradicional política paraguaia. Apesar de Rafael Dendia e Juan Manuel Morales, presidente e vice-presidente do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE), serem filiados ao Partido Colorado, a ex-professora Blanca, que foi ministra da Educação do atual presidente Nicanor Duarte, nega qualquer envolvimento do colorado com as fraudes eleitorais. A primeira mulher a disputar a chefia de Estado no país conquistou a candidatura depois de uma disputa apertada. O adversário, ex-vice-presidente Luis Castiglioni, acusou-a de fraude no pleito interno.

As fraudes eleitorais protagonizadas pelo Partido Colorado repetiram-se no pleito deste ano. No distrito de Loma Plata, cédulas chegaram marcadas a favor de Blanca Ovelar. Segundo o militante e fiscal da Aliança Patriótica para a Mudança, Emigdio Castillo, as cédulas tinham um traçado de caneta azul


impresso em série. A Junta Cívica, órgão oficial de fiscalização do processo eleitoral, contabilizou 850 cédulas marcadas. "Caso estas cédulas fossem utilizadas, o eleitor que votasse em um candidato que não fosse Blanca Ovelar teria seu voto anulado", explicou Castillo. Cerca de 300 pessoas com mais de 100 anos estavam habilitadas a votar, assim como havia a suspeita de que outras sete mil cédulas também correspondessem a pessoas que já morreram. Além do festival de mortos vivos, existem comprovações de cédulas quadruplicadas, ou seja, uma mesma pessoa poderia votar quatro vezes.

Lino Oviedo concorreu à presidência do Paraguai em liberdade condicional. O Unace foi criado por Oviedo em 1996, como dissidência da tradição colorada. Neste mesmo ano, ele foi acusado de planejar um golpe contra o presidente Juan Carlos Wasmosy. Os dois eram aliados políticos e Oviedo foi condenado a 10 anos de prisão em 1998. Ainda pesa sobre o candidato a participação no assassinato do vice-presidente Luis Maria Argaña, em 1999. Há rumores de que a liberdade de Oviedo teria sido articulada pelo ex-presidente Nicanor Duarte, para impedir o crescimento da candidatura de Fernando Lugo e facilitar o caminho da candidata governista Blanca Ovelar.

O ineditismo da festa popular

Militante do Movimento Popular Tekojoja, Adolfo González não escondia a felicidade. "Eu sou do interior e, para nós, é muito importante esta mudança. Tenho 65 anos e venho lutando por isso há muito tempo. Nunca éramos nós a fazer a festa", disse. No momento em que a metade dos votos para presidente já haviam sido apurados e confirmou-se a vitória de Fernando Lugo, a população saiu às ruas para comemorar em uma festa que, pela primeira vez no país, não era colorada. Osvaldo Souza, 19 anos, votou pela primeira vez este ano, em Fernando Lugo. "É uma conquista histórica, porque o Paraguai está cansado do continuísmo, de que poucos sejam os donos do país, desta oligarquia que se formou", declarou o jovem coberto por uma bandeira paraguaia.

Para o secretário geral do Partido Socialista do Uruguai, Eduardo Fernández, a vitória de Fernando Lugo faz parte de um processo continental. "Já acompanhei outra eleição no Paraguai e o Partido Colorado não vencer é uma coisa bem estranha. O Paraguai entrou no caminho progressista que marca a América Latina já há alguns anos", avaliou. Neste momento, apenas metade dos votos haviam sido contabilizados, mas a vitória de Lugo já era anunciada. Segundo o secretário geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), José Miguel Insulza, "estas foram eleições históricas. Apesar das diferenças, os partidos e os movimentos políticos chegaram a um consenso fundamental sobre as regras do jogo que, aqui e no resto da América Latina, constitui um mínimo imprescindível para a construção da democracia".

		ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64	
BALANCETES – VALORES MENSAIS - 2007			
RUBRICAS / MESES		DEZ	
ATIVO		3.712.052,31	
FINANCEIRO		3.462.843,37	
DISPONÍVEL		1.169.442,10	
CAIXA		4.239,68	
BANCOS		3.066,61	
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA		1.162.135,81	
REALIZÁVEL		2.293.401,27	
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO		2.253.792,18	
APLICAÇÕES FINANCEIRAS		2.253.792,18	
ADIANTAMENTOS		3.556,43	
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS		3.556,43	
OUTROS CRÉDITOS		4.700,00	
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO		4.700,00	
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTE		1.039,11	
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER		1.039,11	
ESTOQUES ALMOXARIFADO		30.313,55	
ATLAS AMBIENTAL		30.313,55	
ATIVO PERMANENTE		249.208,94	
IMOBILIZADO		235.148,43	
BENS IMÓVEIS		258.103,71	
BENS MÓVEIS		148.196,69	
(-)DEPRECIACÕES ACUMULADAS		(171.151,97)	
DIFERIDO		14.060,51	
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS		12.071,48	
BENFEITÓRIAS EM BENS DE TERCEIROS		16.425,74	
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS		(14.436,71)	
PASSIVO		3.348.302,52	
PASSIVO FINANCEIRO		43.552,64	
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS		15.948,06	
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS		9.042,64	
CREDORES DIVERSOS		6.905,42	
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS		27.604,58	
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL		27.604,58	
SALDO PATRIMONIAL		3.304.749,88	
ATIVO LÍQUIDO REAL		2.960.080,88	
SUPERAVIT ACUMULADO		344.669,00	
ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS			
RUBRICAS / MESES		DEZ	ACUMULADO
RECEITAS		168.303,38	2.006.656,99
RECEITAS CORRENTES		136.000,26	1.627.746,19
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES		136.000,26	1.627.746,19
RECEITAS PATRIMONIAIS		27.616,63	328.697,02
RECEITAS FINANCEIRAS		27.192,15	327.311,67
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS		424,48	1.385,35
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICAIS		0,00	18.943,22
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS		0,00	18.943,22
OUTRAS RECEITAS		4.686,49	31.270,56
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS		4.686,49	31.270,56
DESPESAS		173.159,67	1.642.907,20
DESPESAS CORRENTES		173.159,67	1.642.907,20
DESPESAS COM CUSTEIO		47.740,30	451.186,18
DESPESAS COM PESSOAL		22.483,97	253.573,25
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS		4.602,84	55.740,58
DESPESAS DE EXPEDIENTE		836,29	16.748,48
DESPESAS TRIBUTÁRIAS		864,23	10.949,74
SERVIÇOS DE TERCEIROS		4.872,21	51.171,23
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO		11.828,92	28.079,50
DEPRECIACÕES E AMORTIZAÇÕES		1.248,17	22.181,98
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO		931,81	11.961,09
ENCARGOS FINANCEIROS		71,86	780,33
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS		79.208,26	629.115,84
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS		862,91	11.552,09
DESPESAS COM VEICULAÇÃO		0,00	32.138,20
DESPESAS COM VIAGENS		12.873,78	104.517,80
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS		12.803,60	52.851,76
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA		3.202,90	74.284,71
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES		30.934,37	296.909,27
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS		15.130,70	16.062,01
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS		3.400,00	40.800,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES		46.211,11	562.605,18
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES		27.200,00	334.366,39
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT		7.524,11	89.999,93
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES		11.487,00	138.238,86
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS		(4.856,29)	363.749,79
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO		363.749,79	363.749,79
EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA Presidente		NINO H. FERREIRA DA SILVA Contador - CRC-RS 14.418	

Este é o espaço dos convênios Adufrgs, com informações atualizadas e dicas para você e sua família. Faça já sua carteirinha de sócio! Entre na página eletrônica, acesse o link "Convênios", consulte a lista e aproveite todas as oportunidades que a Adufrgs lhe oferece.

Convênios

Livraria, Papelaria e Informática

Editora Armazém Digital

Desconto de 20% sobre o preço de tabela para lançamentos e divulgação livre
Rua André da Rocha, 75/38, Centro
www.armazemdigital.com.br

Livraria do Arvoredo

Desconto de 10%
Rua Félix da Cunha, 1213, Moinhos de Vento
(51) 3268.6535/3346.4153/8444.7976

Livraria e Papelaria Letral

Desconto de 15% na compra de livros à vista e 10% a prazo
Desconto de 8% à vista na papelaria e 5% a prazo
Rua José do Patrocínio, 482, Cidade Baixa
(51) 3226.7068/3228.1658

Livraria Via Sapiens

Desconto de 10% e prazo de pagamento para 30 e 60 dias
Rua Lima e Silva, 407, Cidade Baixa
(51) 3221.0006/3061.9717

Livrin - Livros e Informática

Desconto de 20% para pagamento em dinheiro, 10% em cheque ou cartão e 10% no cheque presente.
Parcelamento em três vezes (preço de capa).
Av. Venâncio Aires, 1054, Cidade Baixa
(51) 3331.2955

Livraria do Globo (Centro)

Desconto de 5% nas compras à vista
Rua dos Andradas, 1416, Centro
(51) 3025.6000/0800.5415757
www.livrariadoglobo.com.br

Thorre Informática

Desconto de 20% nos serviços de manutenção em micros e visitas, mais um brinde especial na compra de um computador completo.
Av. Getúlio Vargas, 774/307, Menino Deus
(51) 3231.9222
www.thorre.com.br

Reforma Ortográfica começa em 2009



Uma comissão do MEC elaborou uma proposta para que a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa comece a ser implantada no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2009. A Reforma prevê, entre outros pontos, o fim do trema e de acentos em palavras como vôo, herói, idéia e assembleia. A proposta da Colip (Comissão para Definição da Política de Ensino-Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa) será ainda submetida ao ministro Fernando Haddad (Educação), aos ministérios da Cultura e das Relações Exteriores e à Presidência. De acordo com o texto da Colip, haveria um prazo de três anos para a transição entre a ortografia atual e a prevista pela Reforma. Nesse intervalo, as duas normas vigorariam.

Segundo Godofredo de Oliveira Neto, presidente da Comissão, a partir do dia 31 de dezembro de 2011, todos os livros didáticos, provas para concurso e vestibulares deverão estar submetidos às novas regras. Em comunicado às editoras de livros didáticos, o MEC já exigiu que as obras enviadas às escolas públicas estejam adequadas às mudanças em 2010. O projeto da comissão prevê ainda a elaboração de um vocabulário da Língua Portuguesa no Brasil de acordo com as novas regras. Ele seria produzido pela Academia Brasileira de Letras, em conjunto com especialistas dos outros países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

O acordo ortográfico foi firmado em 1991 e aprovado pelo Congresso no Brasil em 1995. Em tese, já deveria estar vigorando, uma vez que contava com o aval de três países da CPLP (Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), conforme o previsto. No entanto, a implementação da Reforma foi sendo adiada pelo governo brasileiro devido à não-ratificação por Portugal, que recentemente anunciou o desejo de aderir à Reforma.

(Fonte: Folha Online)

Banda larga chega às escolas públicas

Parceria firmada entre órgãos do governo federal e a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) vai permitir a instalação de banda larga (conexão rápida de acesso à internet) em 56.685 mil escolas públicas de educação básica do País. O serviço vai beneficiar 37,1 milhões de alunos (86% dos estudantes brasileiros da rede oficial) ao longo de três anos. As operadoras de telecomunicações vão instalar a conexão em alta velocidade (um megabite de download) e oferecer a ampliação periódica da velocidade para manter a qualidade e a atualidade do serviço durante a vigência da oferta, até 2025. O cronograma prevê, este ano, o atendimento a 40% do total das escolas previstas. Em 2009, o serviço será estendido a outros 40% e, em 2010, aos 20% restantes. Com base na infra-estrutura identificada pelas operadoras de telecomunicações, será possível instalar a rede em duas mil escolas até junho. Segundo o secretário de Educação a Distância do MEC, Carlos Eduardo Bielschowsky, é fundamental oferecer aos alunos das escolas públicas brasileiras laboratórios de informática conectados em rede. "Nos laboratórios, os estudantes terão sua inclusão digital e acesso a conteúdos que vão dinamizar o processo de ensino e aprendizagem", afirma.

(Fonte: MEC)

Cultura de paz nas escolas

A inserção da cultura da paz nas escolas brasileiras foi tema central das discussões de educadores de todo o País na Conferência Nacional da Educação Básica, em Brasília. A formação continuada dos profissionais da educação para conviver com o ambiente de violência nas escolas e a inserção da família no processo de ensino-aprendizagem foram apontados como caminhos para a construção da paz no contexto escolar. O desafio, segundo os educadores, é transformar a escola em um ambiente de sensibilização e vivência. A necessidade de ampliar a noção do que é cultura da paz e como ela pode ser implementada nas escolas foi discutida sob os aspectos da inclusão social e do debate em torno de políticas pedagógicas voltadas para a construção do afeto entre os agentes envolvidos no processo educacional. "Não é possível fazer pedagogia da paz sem estabelecer laços de afeto entre as pessoas", afirmou Luiz Henrique Buest, especialista em desenvolvimento social, direitos humanos e cultura da paz. No Brasil, 52% das crianças até seis anos vivem em condições de pobreza, em um contexto contrário à cultura da paz. "As estatísticas nos informam que, no auge da capacidade cognitiva, essas crianças são privadas de condições básicas e inseridas no contexto da cultura da guerra. Ou seja, da intolerância, do preconceito, da discriminação e da ausência de expectativas", destacou Ricardo Henriques, da Universidade Federal Fluminense. (Fonte: MEC)

<http://www.releituras.com>

Os melhores textos dos melhores escritores

"Deve-se ler pouco e reler muito. Há uns poucos livros totais, três ou quatro, que nos salvam ou que nos perdemos. É preciso relê-los, sempre e sempre, com obtusa pertinácia. E, no entanto, o leitor se desgasta, se esvai, em milhares de livros mais áridos do que três desertos" (Nelson Rodrigues)

Página eletrônica do Projeto Releituras, um espaço sem fins lucrativos que tem como objetivo divulgar trabalhos de escritores nacionais e estrangeiros. Idealizado pelo jornalista Arnaldo Nogueira Júnior, tinha como proposta inicial ser um site de textos de humor. "Com o tempo, ampliei o horizonte, já que os 'releitores' pediam mais", justifica Nogueira Júnior. Como os textos apresentados continham informações biográficas e bibliográficas dos autores, o jornalista entendeu que seria interessante criar um espaço onde os internautas pudessem encontrar informações sobre vida e obra de escritores brasileiros famosos. Surgiu então a página "Biografias". Dentro da linha de humor, o cartunista Custódio aceitou fazer uma tirinha que resultou no "Rato de Sebo" e, mais tarde, juntamente com outros cartunistas paulistas, surgiu a seção "Textos Ilustrados".

Ao longo dos anos, o Releituras foi sofrendo acréscimos e ajustes, de acordo com a demanda dos internautas. Por exemplo, ao perceber que o site era bastante visitado por estudantes, Nogueira Júnior decidiu criar a seção "Vestibular", que traz informações sobre inscrições e provas nas principais universidades do País, lista de livros indicados, simulados, entre outros.

Ele lembra que foi João Ubaldo Ribeiro, em uma entrevista à revista Veja, que deu um grande "empurrão" para que o site alavancasse, ao declarar ser o Releituras um de seus favoritos. Logo em seguida, Mario Prata fez o mesmo nas revistas Web e Veja. "Para criar um tipo de 'memória' do site, criei a página "Nossos Amigos", onde estão, também, aqueles que trocam links com o Releituras", conta. Vieram, depois, a "Cinemateca do Releituras", com curta-metragens do Projeto Porta-Curtas Petrobras. Os constantes pedidos para que o site opinasse sobre textos fez nascer a seção "Novos Escritores", que reúne textos em prosa e verso recebidos diariamente e selecionados para publicação por escritores amigos de Nogueira.

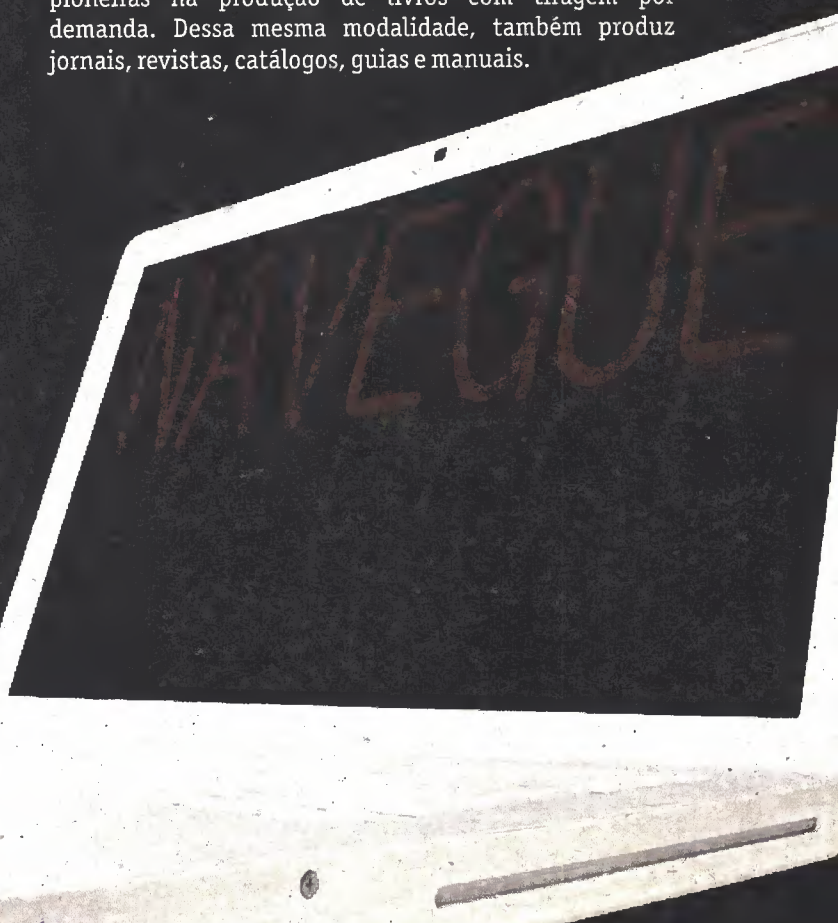
www.armazemdigital.com.br

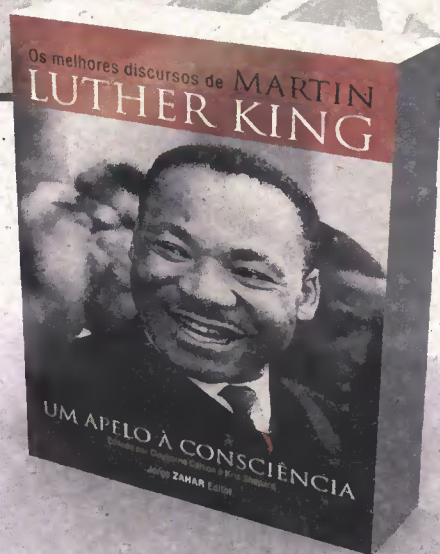
Tiragem por demanda

Página eletrônica da Editora Armazém Digital, que produz livros com cópias de acordo com a demanda. Uma solução para autores que não possuem editora e querem ter seu livro publicado. Diferente das editoras convencionais, que confeccionam livros em grande escala, a Armazém Digital produz em pequena escala, sem necessidade de estoque, uma vez que os livros são impressos quando solicitados. Com isso, o custo de edição fica mais barato.

A editora cuida de todos os detalhes para edição do livro: inscrição da obra no International Standard Book Number (ISBN) com código de barras, ficha catalográfica, capa, editoração e impressão. A distribuição e comercialização das obras são feitas através da internet e, para conhecimento e apreciação do leitor, a editora divulga no site resumo da obra e biografia do autor. O autor recebe 20% sobre o valor do preço de capa, a título de direitos autorais. Os valores para publicar são econômicos e acessíveis. A partir de R\$ 700,00 é possível editar um livro. Livros acadêmicos (monografias, teses, dissertações) e de professores ganham descontos.

No Brasil, a editora Armazém Digital é uma das pioneiras na produção de livros com tiragem por demanda. Dessa mesma modalidade, também produz jornais, revistas, catálogos, guias e manuais.





Um Apelo à Consciência
Os melhores discursos de
Martin Luther King
Clayborne Carson e
Kris Shepard (orgs)
Tradução de Sérgio Lopes
Jorge Zahar Editor

184 páginas
R\$ 32

"Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença."

Martin Luther King Jr. (1929-1968) – prêmio Nobel da Paz em 1964 – foi uma das personalidades mais importantes do século 20, em especial no que diz respeito às causas sociais e aos Direitos Humanos. Com discursos, sermões e uma ação com base na não-violência, Luther King inspirou toda uma geração nos Estados Unidos e no mundo a buscar transformações sociais e uma vida mais justa, sem abrir mão da paz. Esse livro é uma coletânea dos principais discursos desse militante negro norte-americano que entrou para a História ao desafiar o preconceito com fé e resignação, preocupado em combater não só o racismo, mas qualquer fonte de injustiça contra o ser humano.

De uma pequena igreja batista em Montgomery, no Alabama,

em meados dos anos 1950, "Um apelo à consciência" leva o leitor até Memphis, em abril de 1968, às vésperas do assassinato que inspirou a música *In the Name of Love*, do grupo irlandês U2. O livro traz também contribuições importantes, como as do Dalai Lama, da rainha do soul Aretha Franklin e da ativista pioneira dos direitos civis Rosa Louise Parks.

A obra – organizada pelo historiador da Universidade Stanford e diretor do King Papers Project, Clayborne Carson, e pelo arqueólogo Kris Shepard – recebeu a preciosa ajuda de Coretta King. Viúva de Luther King e falecida em janeiro de 2006, ela foi responsável pela reunião das onze introduções aos discursos selecionados.



Capítulos da Guerra Fria
O anticomunismo brasileiro
sob o olhar norte-americano
(1945-1964)
Ufrgs Editora
Carla Simone Rodeghero

272 páginas
R\$ 35

Neste livro, a autora examina as suposições construídas a respeito do Outro – no caso o Brasil – pelos diplomatas norte-americanos engajados em promover e avaliar o anticomunismo brasileiro. Posicionando-se como os fornecedores de um anticomunismo "racionalizado" que refletia a suposta superioridade e capacidade técnica da cultura norte-americana, os diplomatas dos Estados Unidos insistentemente lamentaram o anticomunismo "defeituoso" do Brasil.



Sutis Violências e o Espelho
Midiático - Uma abordagem
crítica da cultura contemporânea
Rosana Silva de Moura e Edvaldo
Souza Couto (orgs)
Ufrgs Editora

112 páginas
R\$ 20

Nesta obra, com originalidade, a autora entrecruza o conceito de indústria cultural com a produção da violência em sociedades massificadas para mostrar que o empobrecimento da experiência gera o esquecimento do outro, reduz o sujeito a um processo de objetificação, que não reconhece o movimento entre o eu e a alteridade. Com sensibilidade, fala da violência cultural sem embrutecer o espírito nem deslizar para a superficialidade.

CENTENÁRIO DO INSTITUTO DE ARTES

Certificado de solidez através dos anos

Teve início em 22 de abril a programação especial que o Instituto de Artes da Ufrgs (IA) preparou para comemorar seu primeiro centenário. Celeiro de formação de músicos, artistas plásticos e profissionais de teatro do estado o IA, uma das mais antigas escolas de arte do País, irá, até o próximo ano, apresentar e reapresentar obras de algumas de suas mais célebres "crias". Saraus, concertos, mostras de arte visual espalhadas pela cidade e, para finalizar, uma montagem teatral que está sendo preparada pelo Departamento de Arte Dramática.

por Debora Saueressig
fotos Cadinho Andrade/Secom Ufrgs



História

1908

Por iniciativa de um grupo de intelectuais e artistas, funda-se o Instituto de Artes em 22 de abril, sob a denominação de "Instituto de Bellas Artes". Contava inicialmente com o

Conservatório de Música e os cursos de Teoria Musical, Solfejo, Canto Coral, Instrumentos, Harmonia e Composição.

1910

Criada a Escola de Artes, que compreendia os cursos de Desenho, Pintura e Artes de Aplicação e Desenho Industrial.

1934

O Instituto de Bellas Artes passa a integrar a Universidade de Porto Alegre.

1939

Por falta de reconhecimento federal e ausência de instalações adequadas, o IA se desliga da Universidade de Porto Alegre e, a partir daí,

solicita o reconhecimento federal dos cursos de Música e Artes Plásticas, obtido em 1941. Nesta época lançou-se a campanha pública pela construção de seu novo edifício, que recebeu adesão significativa. Mesmo assim, o valor arrecadado foi insuficiente e a solução

encontrada foi hipotecar os bens dos professores fundadores para cobrir o empréstimo junto ao banco financiador.

1943

Inaugurada a sede que abriga o IA até hoje, localizada na Rua Senhor dos Passos, 248.

1952

Com a transformação da

Maior espetáculo da terra

A “festa” do IA no entanto, começou em fevereiro, quando, pela primeira vez, o Instituto fez uma parceria com a escola de samba Bambas da Orgia. Dezenove vezes campeão do carnaval gaúcho, a Bambas prestou homenagem às Belas Artes e assim ganhou um importante parceiro de “folia”. Alfredo Nicolaiewsky, diretor do IA, explica que foram mais de 80. pessoas desfilando e outras centenas, entre alunos e professores, trabalhando na construção de alegorias e figurinos. A escola ficou em terceiro lugar e os trabalhos para o próximo ano já estão a todo vapor. “Desejamos realizar trocas, levar nossos alunos para aprenderem com aqueles que vivem e constroem o carnaval, e queremos trabalhar com a comunidade deles, ensinar música e desenho às crianças, por exemplo”, lembra o professor que, além de diretor da instituição é pintor e desenhista.

Talentos do tipo exportação

Alfredo faz questão de lembrar que toda a programação comemorativa será gratuita e aberta à sociedade. “Nossa intenção é levar cultura a todos e facilitar o acesso da sociedade a shows de música erudita, concertos com grandes

orquestras e recitais, por exemplo”. Ele também enaltece a qualidade do que já foi e ainda é produzido pelos alunos, ex-alunos e professores do IA. “Já passaram por aqui centenas de expoentes da arte gaúcha e brasileira, gente que hoje corre o mundo levando o nome do Instituto para os quatro cantos do planeta. Muitos deles estarão presentes nesta festa, o que nos deixa imensamente felizes”, diz.

Planos para o ano 101

Alfredo espera que, para o próximo ano, algumas mudanças no Prédio da Senhor dos Passos já façam parte da realidade daqueles que o frequentam diariamente, seja para estudar, ensinar ou “celebrar a arte a cultura”. “Os elevadores, imortalizados na década de 70 por Kleiton e Kledir, deverão ser substituídos por outros mais modernos. Além disso, a fachada do prédio deverá ser totalmente restaurada” comemora. Alfredo faz questão de frisar que o atual reitor tem se mostrado sensível às causas do IA e que existe negociação para que outras medidas sejam tomadas ainda dentro da comemoração do centenário. “Estamos fazendo valer nosso papel de vitrine da Ufrgs, discutindo e apresentando propostas e projetos que, efetivamente, dêem ao Instituto condições de ‘operar’ todo o seu potencial humano, histórico e intelectual”, argumenta.

P R O G R A M A Ç Ã O

Concertos

Até o final do ano, Ospa, Oculbra e Orquestra Sesi/Fundarte farão pelo menos três concertos, um de cada orquestra, no Salão de Atos ou no Auditório Tasso Corrêa, do prédio do IA (Senhor dos Passos, 248/térreo).

Recitais

Uma vez por mês, grupos formados por professores e alunos se apresentam no Auditório Tasso Corrêa.

Exposições

Durante o ano, mostras de artes visuais vão apresentar

o acervo do IA. O ponto alto será uma grande exposição em dezembro, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), na Usina do Gasômetro, no Paço Municipal e no Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo.

Espectáculo Teatral

O Departamento de Artes Dramáticas prepara a montagem do espetáculo “O Sobrado”, baseado na Obra de Erico Verissimo, para estreiar em 22 de abril de 2009. A peça vai lembrar o centenário do IA e encerrará as homenagens do ano do centenário.

Universidade de Porto Alegre em Universidade Federal, o curso de Arquitetura e Urbanismo ganha o status de Faculdade e separa-se do Instituto de Artes.

1954

O IA é incorporado à Universidade, sob protesto do Conselho Universitário. Por esse

fato, o diretor requer à Secretaria de Educação do Estado que oficialize o Instituto de Artes como Escola de Ensino Superior Autônoma.

1957

Criado o curso de Arte Dramática, vinculado à Faculdade de Filosofia e dez anos mais tarde transformado em Centro

de Arte Dramática.

1962

Assinado decreto reincorporando o Instituto de Belas Artes à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que passa a se chamar Escola de Artes. Neste período foi ampliado o quadro docente e reorganizados os serviços

administrativos.

1968

Com a reestruturação da Ufrgs, a Escola de Artes torna-se um dos principais institutos da Universidade.

2008

O IA reúne em sua estrutura acadêmica os departamentos de Artes Visuais, Arte Dramática e

Música, bem como programas de pós-graduação em Música, Artes Visuais e Artes Cênicas. É responsável por um vasto programa de Extensão cultural, que apresenta o melhor da produção artística e acadêmica de professores e alunos durante o período letivo.

Fonte: Instituto de Artes

+1 biblioteca

A Biblioteca do Instituto de Artes da Ufrgs conta com um acervo que abrange as áreas de Artes Visuais, Música e Teatro e possui uma grande diversidade de tipos de materiais. Está localizada à Rua Senhor dos Passos, 248, 2º andar, Centro, Porto Alegre/RS.

+ 1 acervo artístico

www.ufrgs.br/acervoartes

Site do Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da Ufrgs. Considerada uma das primeiras coleções públicas de arte do Rio Grande do Sul, o Acervo Artístico nasceu com a criação do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul em 1908 e acompanhou todos os percalços burocráticos pelos quais passou esta instituição.

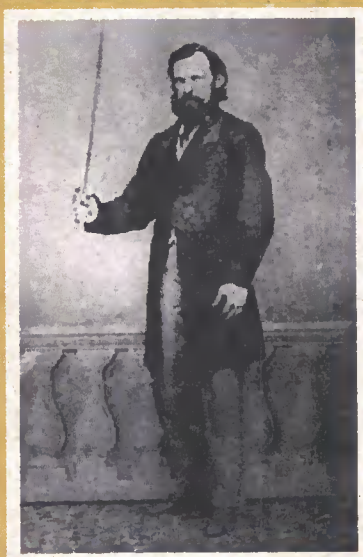


+1 sala de teatro

A Qorpo Santo é o teatro do Instituto de Artes da Ufrgs.

Recebeu esse nome em homenagem ao dramaturgo gaúcho José Joaquim de Campos Leão (1829-1883).

Poeta, jornalista e anarquista, considerado louco por muitos em sua época e perseguido pelas autoridades imperiais, criou no século 19 uma escrita ousada e controversa. A Sala Qorpo Santo fica na Rua Paulo Gama, 110, Centro, Porto Alegre/RS



+1 foto



Turma de formandos de Teoria e Solfejo do Instituto de Artes, em 1927.

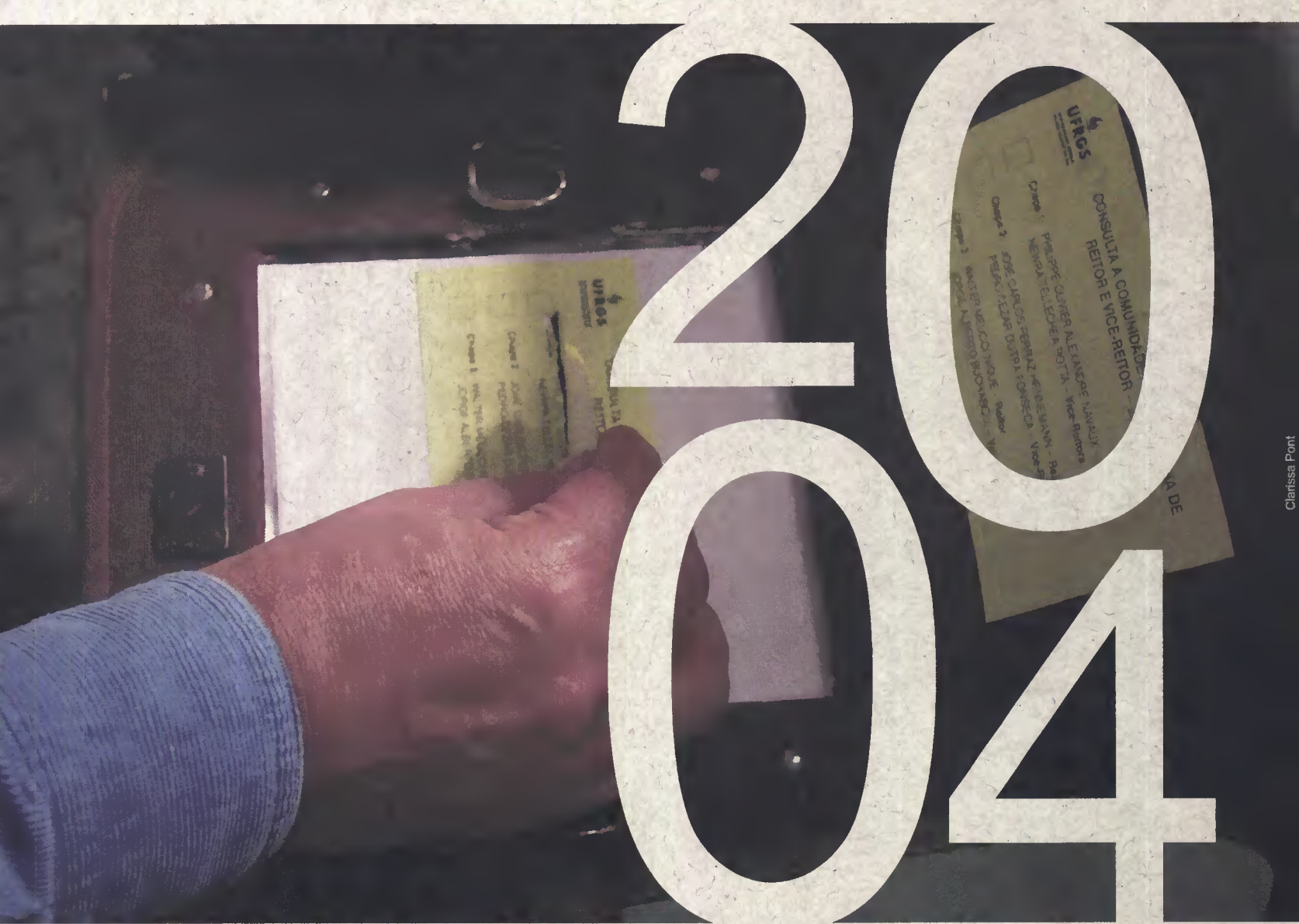
+1 espaço cultural



O Auditorium Tasso Corrêa é destinado à apresentação da produção musical do Instituto de Artes. Com 324 lugares distribuídos entre platéia e mezanino, está entre uma das mais importantes salas musicais do estado.

a história

DE QUEM FAZ



Clarissa Pont

Comunidade Universitária vai às urnas para escolher reitor da Ufrgs no dia 17 de junho. Nesta eleição, votaram 11.357 eleitores, entre estudantes, docentes e técnico-administrativos. Concorreram três chapas, encabeçadas pelos professores Philippe Olivier Navaux, do Instituto de Informática, José Carlos Ferraz Hennemann, na época vice-reitor e Walter Meucci Nique, da Escola de Administração. Venceu o segundo, com 6.523 votos.

